

Fernanda Lopes Rêgo Soares

HISTÓRIA DE PROFESSOR:
A TRAJETÓRIA DOCENTE DE
MÁRIO VASCONCELLOS LOPES RÊGO
EM MIGUEL PEREIRA (1950 a 1970)



UNIVERSIDADE DE
vassouras

Assistente Corporativo de Assuntos Científicos, Culturais e Tecnológicos
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Pró-Reitoria de Ciências Humanas e Tecnológicas
Coordenação do Curso de Graduação em Pedagogia
Núcleo de Integração Empreendedorismo Sociocultural e de Negócios
Laboratório de Pesquisa em História, Memória e Educação

Fernanda Lopes Rêgo Soares

**HISTÓRIA DE PROFESSOR:
A TRAJETÓRIA DOCENTE DE
MÁRIO VASCONCELLOS LOPES RÊGO EM
MIGUEL PEREIRA (1950 a 1970)**

Universidade de Vassouras
2022

© Universidade de Vassouras Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

Os textos publicados nesta obra são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras.

Presidente da Fundação Educacional Severino Sombra

Eng. Marco Antonio Vaz Capute

Reitor da Universidade de Vassouras

Prof. D.Sc. Marco Antonio Soares de Souza

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. D.Sc. Carlos Eduardo Cardoso

**Editora-Chefe das Revistas *Online* da
Universidade de Vassouras**

Prof.ª M.Sc. Lígia Marcondes Rodrigues dos Santos

**Núcleo de Integração Empreendedorismo
Sociocultural e de Negócios**

Prof. M.Sc. Angelo Ferreira Monteiro

Prof.ª M.Sc. Magda Elaine Sayão Capute

**Assistente Corporativo de Assuntos Científicos,
Culturais e Tecnológicos (ASCOR) da FUSVE**

Prof. M.Sc. Hamilton Moss de Souza

Pró-Reitor de Ciências Humanas e Tecnológicas

Prof. D.Sc. Bruno Morais Lemos

Coordenadora do Curso de Pedagogia

Prof.ª M.Sc. Marinéa da Silva Figueira Rodrigues

**Laboratório de Pesquisa em História,
Memória e Educação**

Prof. M.Sc. Angelo Ferreira Monteiro

Prof.ª D.Sc. Irenilda R. B. de R. M. Cavalcanti

Prof.ª M.Sc. Lília Maria Gilson de Oliveira Rangel

Prof.ª M.Sc. Magda Elaine Sayão Capute

Prof.ª M.Sc. Maria Luiza Delgado de Medeiros

Prof.ª M.Sc. Marinéa da Silva Figueira Rodrigues

Prof.ª M.Sc. Maria Fernanda C. de Castro Moraes Ricci

Prof.ª M.Sc. Suely Cristina de Souza Fernandes Crahim

Prof.ª D.Sc. Suzana Medeiros Batista Amorim

Prof.ª M.Sc. Therezinha Coelho de Souza

Apoio, Realização, Elaboração e Edição:

Assistente Corporativo de Assuntos Científicos, Culturais e Tecnológicos

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Pró-Reitoria de Ciências Humanas e Tecnológicas

Coordenação do Curso de Graduação em Pedagogia

Núcleo de Integração Empreendedorismo Sociocultural e de Negócios

Laboratório de Pesquisa em História, Memória e Educação

Idealização / Projeto Gráfico / Arte da capa / Diagramação e Editoração Eletrônica:

Prof. M.Sc. Angelo Ferreira Monteiro

Imagem da Capa:

Acervo Familiar do Prof. Mário Vasconcelos – fotógrafo desconhecido

Editora da Universidade de Vassouras

Av. Expedicionário Oswaldo de Almeida Ramos, 280, Bloco 3, 2º andar

- Centro, Vassouras-RJ, CEP: 27700-000 Tel.: (24) 2471-8367

E-mail: editorauss@universidadedevasouras.edu.br

Soares, Fernanda Lopes Régio
So11h História de professor : a trajetória docente de Mário Vasconcelos Lopes Régio em Miguel Pereira (1950 a 1970). / Fernanda Lopes Régio Soares. - Vassouras, RJ : Editora da Universidade de Vassouras, 2022.
E-book (206 p.); il. color.

Disponível em: <http://editorauss@universidadedevasouras.edu.br/index.php/PT/intercambio/233>
ISBN: 978-65-87918-30-3

1. Régio, Mário Vasconcelos Lopes - Biografia. 2. Educação. 3. Miguel Pereira, RJ. I. Universidade de Vassouras. II. Título.

CDD 923.70981

Dedico este trabalho aos grandes mestres da minha vida, meu avô Mário e meus pais Lúcia Helena e Luiz Arthur pelo amor, apoio, incentivo e força.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus pela oportunidade de crescimento e aprendizado que essa experiência acadêmica me oportunizou.

Aos grandes Mestres da minha vida: meu saudoso avô Mário e meus pais Lúcia Helena e Luiz Arthur pelo incentivo, apoio, amor, força e coragem que sempre me serviram de alicerce e exemplo.

À minha família, meu marido Alexandre e meu filho Guilherme, pelo incentivo, carinho, compreensão e parceria nesses longos anos de estudos.

Em especial ao professor, historiador e mestre Angelo Ferreira Monteiro, não apenas pelas orientações precisas, seguras e firmes e pelo seu trabalho de pesquisa, mas pela parceria e amizade estabelecidas ao longo desse trabalho.

A madrinha Leda que me possibilitou a concretizar esse sonho de graduação.

Aos saudosos Sr. Estevam e avó Irene pela amizade e carinho.

Às amigas de Curso Adriana, Cassiane, Mônica e Vitoria pela parceria e amizade consolidada ao longo dessa trajetória.

Em especial à professora e mestra Marinéa Rodrigues, pela amizade, apoio e acolhimento.

A FUSVE / Universidade de Vassouras pela Bolsa de PIBIC.

Em especial ao historiador Sebastião Deister por sua colaboração com esta pesquisa.

Ao tio Mário Sérgio, tias e pai pela autorização desta pesquisa.

Aos ex-alunos entrevistados, pois através de suas memórias podemos unir esforços para a concretização desta pesquisa.

Aos responsáveis pelo Centro Espírita Joana D'Arc e CNEC pela autorização e colaboração com esta pesquisa.

A todos os professores do curso de Pedagogia pelos ensinamentos ministrados ao longo dessa trajetória, e em especial, as professoras Therezinha

Coelho (Theí), Irenilda Cavalcanti e Fátima Rocha pela colaboração com essa pesquisa.

Em especial ao professor Adiel Ricci pela colaboração e orientações com essa pesquisa.

Às amigas Fernanda e Elaine, irmão Filipe e cunhada Alice pelo o incentivo ao meu retorno aos estudos.

Aos meus cães Flaika e Spike pela companhia em muitos momentos de escrita.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação e para a concretização desta pesquisa.

“A maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal.”

Antônio Nóvoa

SUMÁRIO

Nota da Autora.....	9
Prefácio.....	12
INTRODUÇÃO.....	17
questão.....	18
Capítulo 1 - Trajetória Docente de Mário Vasconcellos Lopes Rêgo.....	23
Capítulo 2 - Breve História do Município de Miguel Pereira	53
2.1 - Contexto histórico educacional vigente no período de 1950 a 1970	66
3. Entrevistas com Ex-Alunos e Familiares do Prof. Mário Vasconcellos.....	81
Considerações Finais:	116
Referências:	120
Apêndices:	128
Anexos	186
Sobre a Autora.....	206

Nota da Autora

Enquanto pesquisadora, me detive a exercitar um afastamento natural do “objeto da pesquisa”, fato esse que me exigiu bastante cautela e destreza. Desta forma, percebo que, mais uma vez, em contato com meu saudoso avô Mário, ele tornou a me ensinar uma das características essenciais de sua personalidade: a disciplina. Homem de caráter austero, mas com altíssima sensibilidade, foi altamente decisivo na formação de meu caráter.

Como neta, me sinto na obrigação de contribuir para a pesquisa da História de vida do saudoso e amado vovô Mário, registrando aqui o maior legado deixado em minha vida: a

religiosidade. Conheci o Espiritismo, doutrina codificada por Allan Kardec, pelas suas próprias mãos, que me serve de alicerce em toda a minha jornada. Nossa relação foi curta, já que faleceu quando tinha apenas nove anos de idade, mas forte o suficiente para marcar a minha existência.

Nossa ligação sempre fora bem forte, e lembro-me que ele só falecera depois que entrei escondida na Casa de Saúde que ele estava internado e tenho certeza que estava à minha espera! Ao adentrar a enfermaria, fiquei ali parada, perplexa, olhando e me despedindo daquele que fora uma das pessoas mais incríveis e especiais da minha vida. Ele desencarnou horas depois...

Anos se passaram, e já adulta, tive um sonho bem significativo em que me dizia a seguinte frase: “Nunca deixe de buscar, para ajudar a si

mesma e a todos que te buscam.” Desse dia em diante minhas metas se renovaram.

Sei que meu avô vive em mim, assim como tenho certeza que vivo nele, e espero um dia podermos dar continuidade a essa linda história de amizade e amor, essa especial e marcante história de vida.

Prefácio

Este livro que ora prefaciamos, nasce de uma ação em sala de aula, no primeiro período de Pedagogia da Universidade de Vassouras em 2016, com a primeira turma que fomos convidados pela nossa saudosa Amiga Prof.^a M.Sc. Maria das Graças Ávila Guimarães, a ministrar a disciplina de Sociologia. Nesta atividade docente, despertamos naqueles “calouros”, o interesse pela pesquisa científica, ao explicar-lhes que a Universidade possui um tripé que contempla o Ensino, a Pesquisa e a Extensão. Lembro-lhe de dizer que muitas vezes o Trabalho de Conclusão de Curso está ao lado e acabamos buscando algo quase intocável, que somente com maturidade percebemos que era inviável tal intento.

Após esta minha frase, a autora desta obra me disse, na semana seguinte, que naquele dia indo para casa de ônibus, exclamou "*Achei...*". E este achei, se transformou na primeira orientação ainda informal no Curso de Pedagogia, quando a Fernanda me disse de forma segura: "*Quero escrever sobre o meu avô!*". Em seguida lhe perguntei: "*quem foi seu avô?*" E ela começou a me dar algumas pistas de que ele havia sido o precursor do ginásio no município de Miguel Pereira, localizado no interior fluminense.

Desta experiência, vi o poder que tem a palavra, quando esta pode despertar reflexões, caminhos ainda não construídos e realizar sonhos.

Iniciamos o processo de construção desta pesquisa, a partir da leitura da dissertação sobre D.

Maria Araújo, que havia realizado o mesmo processo em relação à Educação em Vassouras.

Em seguida, Fernanda iniciou a busca por ex-alunos do Prof. Mário, uma vez que sempre deixei claro, que ela deveria se distanciar do avô e se aproximar cada vez mais daquele profissional da educação.

A cada aluno encontrado, uma vitória para o sucesso do então TCC, no entanto, a lista de alunos foi aumentando e tínhamos que fazer um recorte, pois há material organizado para esta pesquisa até o pós-doutorado.

A abertura de um edital de PIBIC (Programa de Bolsa de Iniciação Científica) pela Fundação Educacional Severino Sombra - FUSVE, mantenedora da Universidade de Vassouras e a aprovação da Fernanda no processo de seleção,

propiciou uma maior dedicação na construção deste trabalho e na apresentação em eventos científicos.

Não posso deixar de recordar a banca de apresentação do TCC, onde minhas colegas Prof.^a Dr.^a Irenilda Cavalcanti e Prof.^a M.Sc. Maria Fernanda Ricci ficaram impressionadas com o resultado final desta pesquisa, ao afirmarem que se tratava de um trabalho de nível de mestrado. O que muito nos orgulhou, pois, esta autora foi minha segunda orientanda na Graduação.

O trabalho dividido em três capítulos, narra no primeiro a trajetória do seu avô com a chegada em Miguel Pereira para tratar de sua saúde e como esta situação mudou sua vida de rumo da Medicina para a Educação.

No capítulo seguinte nos é apresentado o Município de Miguel Pereira, desde suas origens ao período da pesquisa.

E no capítulo final, apresenta a análise das entrevistas com os ex-alunos do Prof. Mário Vasconcellos.

Nos anexos, o leitor poderá apreciar alguns documentos e homenagens ao Prof. Mário, em um destes, a autora se deparou com a letra dele, que nunca tinha visto e pôde verificar que era idêntica a dela. E no apêndice, você poderá ler, na íntegra, as entrevistas dos ex-alunos, que foram analisadas no último capítulo.

Boa leitura!

Prof. M.Sc. Angelo Ferreira Monteiro

Professor Assistente III da Universidade de Vassouras
Mestre em História/USS e Doutorando em História/UNISINOS
Titular da Cadeira nº 7 da Academia de Letras de Vassouras – ALV – Patrono Casimiro Cunha
Membro Colaborador do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras – IHGV
Patrono da Cadeira nº 7 da Academia Juvenil de Letras de Vassouras

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a trajetória docente do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo que atuou como educador na década de 50 a 70 no município de Miguel Pereira, e investiga a sua contribuição na formação de seus alunos neste período.

Para condução desta pesquisa, levantou-se como problema a vida do Prof. Mário e tomando-a como guia, investigou-se quais as estratégias de inserção social que um migrante poderia utilizar. E como hipótese, apresentou-se os meios que o referido professor, detentor de conhecimento acadêmico utilizou como estratégia de inserção social, tais como: a educação, a religião e o lazer.

O tema deste trabalho foi escolhido devido à incipiência de estudos científicos referentes a personalidades que fazem parte da História da Educação da Região Centro-Sul Fluminense. Desta forma, a presente pesquisa teve como finalidade contribuir para a História da Educação Regional, registrando a trajetória docente do professor Mário visando a sua contribuição no que tange a formação do engrandecimento social e educacional da cidade, assim como a sua importância pelo legado na formação moral e intelectual de seus alunos, tendo como embasamento da pesquisa as memórias dos entrevistados.

Esta pesquisa tem como objetivo geral, investigar a trajetória docente do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo, a sua relevância na formação de seus alunos e na História da Educação

Regional. E como objetivos específicos, apresentar a história de sua trajetória docente, uma breve apresentação da história do Distrito de Miguel Pereira, descrevendo o contexto histórico educacional vigente no período de 1950 a 1970 e levantar por meio das entrevistas com ex-alunos e familiares a prática docente utilizada pelo professor em questão.

Esta pesquisa é exploratória de base bibliográfica/documental com realização de pesquisa de campo com questionário qualitativo aberto, apoiada em autores como: Bosi (2007), Elias e Scotson (2000), Libâneo (1994), Ferreira e Moraes (2000), entre outros.¹

¹ Esta pesquisa recebeu aprovação pelo CEP da Universidade Severino Sombra – RJ (atualmente, Universidade de Vassouras), CAAAE 14352919.4.0000.5290, parecer 3.368.689, em 4 de junho de 2019. Os documentos de autorização dos familiares, devidamente

O que se pretendeu com esta pesquisa foi resgatar a memória de um homem de personalidade atuante, que dedicou sua vida à educação, registrando sua trajetória pessoal, profissional e familiar, marcando a vida de todos aqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-lo.

Dessa forma, a história de vida oportuniza eternizar as experiências, crenças, a vida e a obra de uma pessoa, contribuindo para que futuras gerações tomem conhecimento do legado deixado. “Hoje, a biografia é uma forma de escrever história.” (MELO, 2000, p. 11).

O método biográfico possibilita “revelar como os indivíduos universalizam através de suas

vidas e de suas ações a época histórica em que vivem.” (LENA, 1999, p. 14).

Assim, do ponto de vista da construção de biografias, as histórias de vida representam pressupostos insubstituíveis. Essa imprescindibilidade decorre do fato da biografia ter como ponto de partida o conhecimento da história de vida do biografado. Porque a história de vida está centrada na individualidade do ser, a biografia situa-se na confluência desta com o ser social, isto é, aquele que combina a dupla condição: a do indivíduo e do cidadão. (PENNA, 1998, *apud* LENA, 1999, p. 14).

Este trabalho foi dividido em três capítulos, no primeiro, é apresentada a vida do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo, sua chegada e iniciação docente na cidade de Miguel Pereira - RJ. No seguinte, é realizada uma breve história do Distrito de Miguel Pereira e apresentado o contexto

histórico educacional vigente no período de 1950 a 1970. E por fim, são analisados os discursos das entrevistas realizadas com ex-alunos no que tange à sua prática docente.

Capítulo 1 - Trajetória Docente de Mário Vasconcellos Lopes Rêgo

As pesquisas no campo da educação adotam a história de vida e as narrativas como método de análise e levantamento da trajetória docente do sujeito, como nos afirma Feldmann e Hage (2015). De acordo com as autoras, embora existam diversas nomenclaturas acerca da investigação no âmbito da análise biográfica, a mesma é construída com base em descrição oral ou escrita objetivando entender a trajetória de vida e o contexto histórico, social e cultural o qual o sujeito pesquisado fez parte. Sendo assim, de acordo com as palavras das autoras, a história de vida oportuniza valorizar e registrar as experiências vividas e construídas pelo sujeito, uma forma de

recontar a sua história, de trazer a tona lembranças que o constituem.

Barros (2011, p. 5) esclarece que “o próprio momento da narrativa é, ele mesmo, momento de construção de memória”. Então, percebe-se pelas palavras dessa escritora, que o relato de uma história vivenciada, é o momento de recordação de experiências longínquas, é a oportunidade de reconstruir lembranças vividas em outrora. Nesse ponto de vista, (BERGSON, 1959 *apud* BOSI, 2007, p. 46) afirma que “na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças.”

A partir disso, na perspectiva de análise de trajetória de vida, Souza (2004) relata que:

[...] o estudo das trilhas e trajetórias empreendidas historicamente sobre

formação de professores possibilita melhor apreender o estado da arte da pesquisa na área, como também a importância e singularidade atribuída as narrativas de formação para uma compreensão da epistemologia da formação e da prática docente. (SOUZA, 2004, p. 41).

A partir do que foi exposto acima, baseando-se nas ideias de Feldmann; Hage (2015), Souza (2004), Barros (2011) e Bosi (2007) inicia-se o estudo sobre a trajetória docente do professor Mário.

O Sr. Mário Vasconcellos Lopes Rêgo nasceu em Alagoas na cidade de Maceió, no dia 8 de setembro de 1911. Seus pais chamavam-se Arthur Lopes Rêgo, o então Comandante da Marinha e da dona de casa Lucilla Vasconcellos Lopes Rêgo. Com a transferência de seu pai por razões profissionais para o Estado do Rio de

Janeiro, “[...] o jovem alagoano concluiu com brilhantismo o Ginásio e o 2º Grau, e logo numa primeira tentativa obteve uma vaga na faculdade de Medicina, seu mais caro sonho de vida.” (DEISTER, 2003, p. 479).

De acordo com Deister (2003), Mário estava cursando o 5º ano de Medicina, já participando de residência hospitalar quando foi acometido de forma severa pela tuberculose, impedindo-o de concluir seus estudos. Aconselhado por médicos e amigos, Mário buscou tratamento em uma clínica localizada em Campos do Jordão, onde conheceu a quem vira a ser sua esposa Cenyra², que também se encontrara em tratamento.

² Ver Anexo - Certidão de Casamento de Mário e Cenyra.

O tempo passou e seguindo os passos de seu pai que se encontrara aposentado, Mário decidiu mudar-se com a esposa na década de quarenta para Miguel Pereira, conhecida como “[...] uma estância então famosa pelo clima e pela fama de ser uma região ideal para doentes tanto da tuberculose quanto de outros males respiratórios.” (DEISTER, 2003, p. 479).

A partir disso, como se pode observar pela citação acima, a vinda de pessoas para a região oriundas por motivos de saúde era recorrente. Nessa perspectiva, Melo (2000, p. 21) afirma que a vinda de D. Maria de Araújo para a localidade de Vassouras, fora movida pela fragilidade de saúde de seu esposo, já que a cidade oferecera boas condições climáticas para sua recuperação. Esta

narrativa demonstra a semelhança quanto à busca pela região para diversos tipos de males de saúde.

Deister (2003) afirma que o jovem alagoano recém-chegado naquela pequena comunidade, deparou-se com a necessidade de angariar recursos para seu sustento, visto que ele e sua esposa Cenyra estavam à espera de seu primeiro filho e assim, buscou encontrar meios de estabelecer-se naquela pequena localidade.

Dessa forma, nas palavras de Elias e Scotson (2000, p. 16), observa-se claramente esta relação com a história vivenciada pelo forasteiro:

A descrição de uma pequena comunidade [...] mostra uma clara divisão em seu interior, entre um grupo estabelecido desde longa data e um grupo mais novo de residentes, cujos moradores eram tratados pelo primeiro como outsiders. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 16).

Diante do que foi exposto, Elias e Scotson (2000, p. 17) apresentam um estudo de uma pequena comunidade localizada no Sul da França chamada Winston Parva, uma análise sociológica de como os antigos moradores (estabelecidos) e os “recém-chegados” ou “os de fora” (outsiders) se organizavam e se relacionavam.

Elias e Scotson (2000) descrevem o sentimento encontrado pelos novatos moradores, um misto de insegurança e resiliência ante aos residentes já estabelecidos naquela pequena sociedade, que era constituída por famílias estabelecidas desde longa data e que, por essa razão, julgavam-se sublimemente melhores, tratando-os como pessoas que não são inseridas na coletividade, como os não pertencentes.

Estimulado a fixar-se na cidade pelo já estabelecido “[...] Dr. Arthur Adolpho Wangler [...]”, o jovem Mário passou a ministrar aulas particulares em sua própria casa como narra Deister (2003, p. 479).

Nessa perspectiva, Sousa (2016, p. 98) discorre acerca da trajetória docente da piauiense Maria Pureza Cardoso Araújo, “a professora iniciou seus trabalhos por volta de 1947, dando aula particular para crianças [...], em uma sala construída ao lado da casa.” Esta narrativa demonstra uma prática semelhante entre os educadores dessa época, que iniciaram sua prática educacional para pequenos grupos, muitas vezes na residência.

Oriundo de família espírita, mais precisamente o Espiritismo (doutrina codificada por Allan Kardec), Mário atuou ao lado de seu pai

Arthur, juntamente com uma equipe de companheiros de ideal, para o funcionamento do Ambulatório nas dependências do Centro Espírita Joana D'Arc Amor e Luz.³ Futuramente, angariaram recursos para a construção da escola bem como de aparelhagens que melhorassem o atendimento no ambulatório nas dependências do Centro.⁴ O referido professor, fora presidente do Centro Espírita Joana D'Arc Amor e Luz nas décadas de 46 e 47 e ministrou aulas de caráter voluntário nas dependências do mesmo.⁵

Vale ressaltar que o mencionado Ambulatório Joana D'Arc era um subposto que atendia pessoas carentes até ser transferido para novas instalações, para Alameda Pantresina, o

³ Ver Anexo – Ata do dia 30 de julho de 1944, p. 39.

⁴ Ver Anexo – Ata do dia 11 de agosto de 1946, p. 73, 74.

⁵ Ver Anexo – Homenagem aos 90 anos da Instituição ao referido professor.

bairro conhecido atualmente por Praça da Ponte. (MUNIZ, 1982, p. 144).

Sobre o Ambulatório Joana D’Arc, Deister (2003, p. 319-320) afirma que o mesmo fora construído com a colaboração dos moradores e que os mesmos movidos pela solidariedade, construíram uma sala que servira para funcionamento de uma escola primária.

Ainda segundo Deister (2003, p. 479), o prestígio de bom educador teve grande repercussão e divulgação pela cidade, e em meados de 1950, estimulado pelo seu “[...] ex-professor Cornélio Fernandes Neto [...]”, Mário encaminhou-se para Nova Friburgo, onde concluiu um curso de especialização em História e Geografia⁶. Sobre isso,

⁶ Ver Anexo - Documentos de curso de especialização em História e Geografia. Conf. NASCIMENTO, Thiago Rodrigues. A formação do

Deister (2003, p. 479) afirma que “[...] se a Medicina perdera anos antes um provável médico de alta qualificação, a educação em Miguel Pereira ganhava um professor extraordinário”.

Regressando de Friburgo, Mário iniciou seus trabalhos no Ginásio Barão de Paty do Alferes em parceria com outros educadores renomados na região “[...] como Darcy Jacob Mattos, George Jacob Abdue, Capitão Zenóbio da Costa, Tenente Haroldo de Armando e Alcebíades Laudelino Balthar, entre outros.” (DEISTER, 2003, p. 479).

professor de História no Brasil: percurso histórico e periodização. **Revista História Hoje**, v. 2, n. 4, p. 265-304, 2013: “A formação de professores de História e Geografia, que ocorreu de forma conjunta até meados dos anos 1950, foi desmembrada a partir da Lei no 2.594, de 8 de setembro de 1955, assinada pelo presidente Café Filho (1955-1956) e pelo ministro Candido Motta Filho. Alunos de algumas universidades que ingressaram anteriormente à referida lei, como na Universidade do Brasil e na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), ainda foram habilitados, até início dos anos 1960, como professores de História e Geografia (p. 275).

Deister (2003), narra que Mário possuía virtudes inerentes ao caráter de educador, com admirável competência de disciplinador e com sua oratória firme e enérgica, deu início a um novo estilo naquele conceituado colégio chamado Ginásio Barão de Paty do Alferes, um internato masculino, onde se encontravam centenas de alunos oriundos do Rio de Janeiro, de forma que muitos deles possuíam comportamentos considerado desajustados. Dessa forma, a disciplina adotada era de caráter mais enérgico a fim de manter e conter um ou outro estudante de caráter mais agressivo. Sobre a prática do professor, Deister ressalta que:

Apesar do temor que por vezes era obrigado a impor aos seus alunos, Mário era um homem afetuoso, cordial, sensível e honesto em seus ideais, cuja paixão imensa

pelo o que fazia não lhe permitia jamais negar uma aula extra para os estudantes mais necessitados de novas explicações, um gesto benevolente para os faltosos [...] Costumava repetir à exaustão, em sala de aula, um capítulo não assimilado pela turma, corrigia os defeitos de fala e ortografia, mostrava o valor da cultura geral para os seus educandos e após os horários normais de aula ensinava um assunto fora da pauta oficial, dialogava, debatia e tentava formar, com paternalismo associado à persuasão, o caráter de um ou outro discípulo mais renitente. (DEISTER, 2003, p. 480).

Então, percebe-se pelas palavras do autor, que o professor Mário adotava uma postura enérgica, firme e ao mesmo tempo afetuosa com seus alunos, visando à formação integral dos mesmos em seus múltiplos aspectos, sejam eles em nível de instrução e de valores.

Acerca da formação docente, Nóvoa (2017, p. 1121) afirma que “nas profissões do humano há uma ligação forte entre as dimensões pessoais e as dimensões profissionais. No caso da docência, entre aquilo que somos e a maneira como ensinamos. [...]” Dessa forma, segundo as palavras do autor, a ação educativa está intimamente ligada à formação do sujeito enquanto pessoa dotada de seu caráter pessoal, valores e conhecimentos que influenciam e determinam significativamente a sua prática profissional.

Sobre a prática pedagógica, Verдум (2013) discorre que a mesma está diretamente ligada às vivências e ensinamentos adquiridos pelo professor ao longo de sua caminhada em diversos campos de sua atuação, os quais servirão de alicerce para a condução de sua ação educativa. Ressalta a autora,

que o contexto social o qual desenvolve sua prática e os objetivos que se pretende atingir também são fatores determinantes na atuação do educador.

Sobre o processo de ensino, Libâneo (1994, p. 115) ressalta como aspecto de tamanha relevância o caráter pessoal e comportamental que o professor exerce no ambiente escolar, visto que se tem compreensão segura das metas e de ações educativas que visem colaborar com “[...] a formação intelectual e moral dos alunos [...]”, que promova ensinamentos, que corroborem para a tomada de responsabilidade visando à formação para a vida futura, terá contribuído de forma proveitosa para o êxito escolar dos educandos. Além disso, ainda de acordo com este autor, fica esclarecido que a honestidade do professor se apresenta quando o mesmo tem plena consciência

do seu papel de oportunizar aos educandos conhecimentos com aplicabilidade na vida.

Logo, observa-se pela narrativa do autor, a importância que o professor exerce na formação de seus alunos, pois há de se ter em mente a tamanha responsabilidade sobre a influência que o seu papel exerce na vida dos mesmos.

Sobre a prática de ensino, Libâneo diz que:

O processo de ensino, ao mesmo tempo que realiza as tarefas de instrução das crianças e jovens, é um processo de educação. No desempenho da sua profissão, o professor deve ter em mente a formação da personalidade dos alunos, não somente no aspecto intelectual, como também nos aspectos moral, afetivo e físico. [...] desenvolvendo o senso de responsabilidade, a firmeza de caráter, a dedicação aos estudos, o sentimento de solidariedade e do bem coletivo, a força de vontade etc. A unidade instrução – educação se reflete, assim, na formação de

atitudes e convicções frente à realidade, no transcorrer do processo de ensino. (LIBÂNEO, 1994, p. 99).

A partir do que foi exposto acima, pode-se afirmar que o ato de ensinar e o ato de educar são práticas indissociáveis, visto que ambas são interdependentes visando à formação integral do indivíduo. Sendo assim, ambas se complementam no caráter educativo do processo de ensino.

Fazendo uma análise do processo educativo, Santos (2010, p. 55) afirma que “[...] de nada valerá o conhecimento se não for para me aproximar do outro.” Segundo as palavras da autora, a relação de aprendizagem é uma via de mão dupla onde professor e aluno se aproximam em razão dos ensinamentos construídos ao longo da trajetória de ensino.

Ainda sobre a prática educacional exercida pelo professor Mário, de acordo com Deister (2003), o professor tinha plena competência das disciplinas as quais ministrava adotando uma postura de total exigência, rigorosidade e imparcialidade na aplicação de seus exames de avaliação.

Extremamente comprometido com a formação educacional dos jovens miguelenses, Mário ficara aflito pelo fato dos mesmos terem que se deslocar para localidades vizinhas (Paty ou Portela) para cursar o Ginásial, visto que a cidade de Miguel Pereira não possuía um curso ginásial próprio. Assim, unindo esforços com outros companheiros e colegas de profissão engajados na busca de um curso ginásial para a cidade viram esse “sonho concretizado em 1957, com a implantação

do Curso de Admissão, que serviu de base para o nascimento do Ginásio Professor Miguel Couto Filho, hoje o Colégio Cenecista Professor Miguel Pereira.” (DEISTER, 2003, p. 480).

A partir do que foi exposto acima, Deister (2003) discorre acerca do momento educacional que vivenciara a cidade de Miguel Pereira na época em questão, visto que era de extrema importância a criação do Ginásio para acolher os alunos que concluíam o curso Primário. Ainda nas palavras de Deister (2003, p. 305), o mesmo evidencia que “havia um Curso de Admissão em Portela e um Ginásio em pleno funcionamento em Arcozelo (O Ginásio Barão de Paty do Alferes do capitão Zenóbio da Costa) [...]”, mas devido à carência dos meios de transporte da época em questão, era difícil o deslocamento para as estâncias vizinhas, pois o

acesso por trens não condiziam com os horários das escolas, e os ônibus tinham que trafegar pelas estradas de terra, muitas vezes em atoleiros levando muito tempo para o seu deslocamento. Além disso, Deister ainda relata que:

Havia em todo o Brasil, nos anos de 1950, um extraordinário movimento didático voltado para a criação de colégios e ginásios. Este movimento estava adstrito à chamada Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG) capitaneada pelo seu mentor, o professor Filipe Tiago Gomes. Os ecos de tal trabalho inédito chegaram também a Portela e Miguel Pereira, sendo logo abraçados pelos professores e educadores do nosso jovem município. (DEISTER, 2003, p. 305).

Portanto, segundo Deister (2003, p.305) a partir desse contexto, iniciou-se um movimento na cidade de Miguel Pereira liderado por professores

renomados da época como “[...] Oliveiros de Castro Martins, Darcy Jacob de Mattos, Cornélio José Fernandes Neto, Maria da Conceição Machado de Carvalho, Nely Maria Jorge Fidélis, George Jacob Abdue e em especialíssimo plano, Mário Vasconcellos Lopes Rêgo [...]” para juntos lutarem unidos à Campanha Nacional e ao povo miguelense para a criação do Ginásio próprio na cidade.

Ainda a respeito da criação do Ginásio, Deister (2003), esclarece que:

[...] no princípio de 1957 instalava-se em Miguel Pereira o Curso de Admissão ao Ginásio, ministrado em anexo ao grupo escolar, no casarão da Rede Ferroviária, e no qual lecionaram, a princípio, Mário Lopes Rêgo, Conceição Machado e Darcy Jacob Mattos. (DEISTER, 2003, p. 305).

Deister (2003) diz que em 1958, o Ginásio então denominado Miguel Couto Filho fora transferido para sede própria do Grupo Escolar Dr. Antônio Fernandes.

De acordo com o autor, a implantação do Ginásio Miguel Couto Filho em Miguel Pereira, propiciara um momento marcante em sua história educacional. Sobre isso, afirma que:

[...] via-se a Linha Auxiliar coberta por educandários de nível ginasial, “[...] o Ginásio Governador Portela, o Ginásio Barão de Paty do Alferes e ainda o Ginásio Eulálio de Andrade em Avelar, todos ligados à Campanha de Educandários Gratuitos, hoje genericamente denominados Colégios Cenecistas. (DEISTER, 2003, p. 306).

Deister (2003, p. 306) aponta que “Mário Lopes Rêgo reuniu em torno do seu ambicioso

projeto didático o que havia de melhor em corpo docente de Miguel Pereira.”

Diante do que foi exposto acima, Muniz (1982) ressalta a qualidade da equipe docente liderada pelo professor Mário para ministrar as aulas no ginásio em questão, que funcionara por muito tempo nas dependências do Grupo Escolar Dr. Antônio Fernandes.

De acordo com Deister (2003), durante muito tempo o ginásio Miguel Couto foi um marco de organização e excelência de ensino, no entanto, Miguel Pereira ansiara por um curso de 2º Grau que oportunizasse aos estudantes a garantia de uma vaga nas faculdades do Estado. Foi então que Mário e Cornélio junto ao Ministério da Educação conseguiram implantar na cidade o “Colégio Comercial Professor Miguel Pereira, destinado a

formar Técnicos em Contabilidade e fornecer um Curso de Formação Geral [...]”. (DEISTER, 2003, p. 307).

Deister (2003) relata que com o professor Mário a frente da direção do Ginásio e o professor Cornélio dirigindo o Curso Comercial, a Campanha Nacional em Miguel Pereira com o passar dos anos fora angariando mais reputação, reconhecimento e alunos e assim, viu-se a necessidade da construção de um prédio próprio para a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), pois com o crescimento do Colégio Dr. Antônio Fernandes, já não havia dependências físicas suficientes para agregar tantas turmas em suas instalações.

Nesse momento, ainda segundo o autor, iniciou-se na localidade uma campanha destinada à angariação de recursos para a construção da sede

própria da CNEC. Dessa forma, instituições autônomas, de caráter voluntário uniram-se para a criação do Colégio Cenecista Professor Miguel Pereira que agregaria o Ginásial e o Curso Comercial. Sobre isso, Deister (2003, p. 308) explana que o movimento fora liderado por “[...] Francisco Perriconi, Mário Lopes Rêgo, Cornélio Fernandes e Oliveiros Martins [...]”, aliados com professores, alunos, pais e simpatizantes da CNEC que realizaram inúmeras atividades na cidade de Miguel Pereira, visando angariar doações em dinheiro ou em material de construção para a construção da sede própria. Ainda nas palavras do autor, o mesmo narra que:

Graças ainda ao trabalho de Boaventura Vieira Muniz - à época, Presidente do Setor da Campanha em Miguel Pereira, ele próprio como ex aluno formado na

primeira turma do Ginásio [...] e a pronta ajuda de Fructuoso da Fonseca Fernandes – então Prefeito de Miguel Pereira – logo foi adquirido um amplo terreno à rua do Comércio (hoje rua Afonso Moreira da Costa Lima) para a edificação da sede da CNEC... No Natal de 1975, inaugurava-se com muita alegria e grandes solenidades o moderno prédio do Colégio Cenecista Professor Miguel Pereira [...] (DEISTER, 2003, p. 308).

Na perspectiva da criação de Ginásio, na mesma década em questão, segundo Melo (2000) afirma que a educadora D. Maria Rangel de Araújo, fundou em Vassouras um ginásio para meninos, onde os filhos dos cidadãos pudessem dar sequência aos seus estudos sem se deslocarem para estâncias distantes. Esta narrativa demonstra a semelhança de pessoas que se sensibilizaram com a questão educacional no país em sua época e local

de vivência, concretizando e propiciando maiores avanços no desenvolvimento da educação regional.

No que diz respeito a personalidades pioneiras no campo da educação na década de cinquenta, Silva *et al.* (2001) destaca o trabalho inovador desenvolvido no curso de História, pela professora Maria Yedda Linhares na Universidade do Brasil localizada na cidade do Rio de Janeiro. A mesma deu início a uma nova reestruturação do estudo de História objetivando uma nova formação de futuros professores, que aliariam informação histórica e centro de reflexão.

No caso desta pesquisa, o Sr. Mário Vasconcellos foi um cidadão atuante numa busca incansável de colaborar com o progresso da cidade. Foi assim que paralelamente aos trabalhos desenvolvidos no âmbito educacional, também foi

um dos diretores do Miguel Pereira Atlético Clube (MPAC) como aponta Deister (2003). De acordo com o autor, “Com a rápida emancipação da cidade de Miguel Pereira em 1955, também o MPAC cresceu bastante.” (DEISTER, 2003, p. 239).

O professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo constituiu sua família em Miguel Pereira ao lado de sua companheira Cenyra Lopes Rêgo, onde tiveram cinco filhos: Mário Sérgio, Sônia Marina, André Luiz, Luiz Arthur e Sandra Maria. Vale ressaltar que Mário juntamente com sua esposa vivenciou um dos momentos mais difíceis de suas vidas com a perda de seu filho André Luiz com apenas cinco anos vítima de um afogamento.

No Jornal Regional encontramos a seguinte reportagem em homenagem ao professor:

Pai extremado e respeitável, Mário deixou em Miguel Pereira quatro descendentes: Mário Sérgio, Sônia Marina, Luiz Arthur e Sandra. Dos quatro, Sônia seguiu seus passos e também abraçou o magistério, tendo lecionado na CNEC, por vários anos, as mesmas matérias do velho e querido Mário Lopes Rêgo.

Depois de trinta anos de inteira dedicação ao ensino em nossa terra, o professor Mário passou a lutar contra as complicações provocadas por um diabetes renitente, tendo falecido em consequência desta moléstia no dia 17 de novembro de 1987 em Miguel Pereira, coincidentemente na data de aniversário de seu pai, o Comandante Lopes Rêgo.⁷

Pelos serviços prestados, o referido professor recebeu inúmeras homenagens em razão do trabalho desenvolvido no âmbito educacional na

⁷ Ver Anexo - Jornal Regional, nº 61, 27/11/2015, p. 10 e Certidão de Óbito que apresenta a data de falecimento: 17/11/1988 e não como descrita na reportagem, que pode ter sido um equívoco por erro de digitação.

cidade de Miguel Pereira. ⁸Além da homenagem pelo governador do Estado, recebeu o Diploma de Cidadão Miguelense⁹ na década de 80.

Deister (2003, p. 481) narra que “Mário Vasconcellos Lopes Rêgo, com inteira justiça, hoje é nome de uma escola municipal no bairro do Sertãozinho, atualmente em processo de desativação.”

⁸ Ver Anexo - Diploma de prestação de bons serviços emitido pelo Governador do Estado da Guanabara Chagas Freitas em 1974.

⁹ Ver Anexo - Diploma de Cidadão Miguelense pelos relevantes serviços prestados em 25 de outubro de 1985.

Capítulo 2 - Breve História do Município de Miguel Pereira

A história do Município de Miguel Pereira, de acordo com Muniz (1982), está diretamente ligada ao período histórico de desbravamento em busca da abertura de caminhos para o acesso ao ouro em Minas Gerais. Segundo o autor, a descoberta do ouro nas terras de Minas Gerais aflorou o desejo de se encontrar “[...] uma ligação mais fácil e mais curta entre Minas e a Metrópole.” (MUNIZ, 1982, p. 9).

O então denominado Caminho Novo das Minas teve como principal responsável o desbravador Garcia Rodrigues Paes “[...] que o abriu por volta de 1698 e o concluiu em 1705 [...]” como afirma Monteiro (2012, p. 30).

De acordo com Muniz (1982, p. 75), a primeira denominação pela qual a atual cidade de Miguel Pereira fora conhecida foi pelo nome de Barreiros, pois as tropas que ali passavam, ficavam atolavam nos “barreiros” existentes nessa localidade. O autor ainda destaca que Miguel Pereira nessa ocasião, “[...] fazia parte de Pati do Alferes, de Ferreiros e de Sacra Família [...]” e as mencionadas estradas perpassando por essas estâncias, atravessavam pelas terras que atualmente pertencem ao município de Miguel Pereira. (MUNIZ, 1982, p. 11).

Futuramente, com a construção da Estrada de Ferro Melhoramentos do Brasil em 1898, segundo o IBGE Miguel Pereira (1966), Barreiros passou a se a chamar Estiva.

Segundo Muniz (1982), de acordo com depoimentos de antigos moradores da localidade, esse nome foi dado em razão da criação da estiva, que nada mais era que um amontoado de madeiras que depositavam em cima da estrada barrenta para facilitar a passagem pela lama. Conforme Deister (2003), por essas estradas transitavam tropas de burros que transportavam valiosas mercadorias de lavoura.

Em estudo histórico, Deister (2003) ressalta que os povoados foram surgindo no percurso do trajeto da Linha Auxiliar em decorrência das exigências emergenciais impostas pelo surgimento da ferrovia. Dessa forma, ressalta que “as localidades de Paes Leme, Conrado, Arcádia, Francisco Fragoso, Governador Portela, Barão de

Javary e Estiva surgiram de forma quase espontânea [...]” (DEISTER, 2003, p. 107).

Ressalta o autor, que as casas construídas nas localidades estavam em relação direta com as condições financeira de simples proprietários, lavradores, ferroviários, descendentes de escravos, filhos de antigos fazendeiros e comerciantes. (DEISTER, 2003, p. 107).

Nessa perspectiva, Lamego (1963) discorre acerca da influência da criação da linha férrea para o desenvolvimento da região:

[...] Pati do Alferes aproveita afinal a sua nova oportunidade e se transforma num importante centro urbano. Em lugares ermos como Governador Portela e Miguel Pereira, do nada surgem vilas que se ampliam apressadamente com um progressivo número de trens diários. (LAMEGO, 1963, p. 166).

Diante do que foi relatado acima pelos autores, Miguel Pereira teve como seu ponto de partida concebida como um “caminho” que os viajantes transitavam transportando utensílios. Desta forma, seu desenvolvimento ocorreu pouco a pouco em consonância com os avanços de progresso da localidade.

De acordo com Deister (2003, p. 116) em “[...] 13 de junho de 1897 a Capela de Santo Antônio da Estiva pode e deve ser considerada como a data de fundação oficial de Miguel Pereira.” Segundo o autor, as casas e fazendas que ali existiam distribuídas por grande distanciamento umas das outras, pertenciam a “[...] Freguesia de Paty do Alferes e outras sob a jurisdição de Vassouras ou Ferreiros [...]” e até então não havia conquistado o que chamou de “unidade

geofisiográfica” que a denominasse como uma vila autônoma. Sendo assim, pela primeira vez em sua história, com o surgimento de aglomerado de residências ao redor da Capela que se tornou um referencial para todos, é que a Estiva passou a ser considerada uma comunidade despontando para sua autonomia.

Nesse período, a Estiva pertencia administrativamente a Vassouras, conforme narra Deister (2003, p. 116):

[...] nessa ocasião a Estiva pertencia administrativamente a Vassouras, e somente depois da utilização freqüente da capela de santo Antônio- que se tornou a grande referência para os viajantes da Serra do Couto- o povoado ganhou ares de emergente distrito da Linha Auxiliar, pois até então aquele aglomerado de residências nada mais era do que um simples entreposto por onde as caravanas transitavam com as mercadorias

comercializadas entre Ferreiros, Vassouras, Sacra Família e Paty do Alferes...Além de tudo, a própria inauguração das estações ferroviárias da Serra- evento marcante que até poderia servir com o marco da fundação da nossa cidade- apenas ocorreria em 1898. [...] (DEISTER, 2003, p. 116).

Sobre Vassouras, de acordo com o IBGE Vassouras (1957), a mesma fora conhecida por longa data como cerne da nobreza de atividades rurais da região fluminense. Por grande tempo prosperara por sua produção cafeeira, e com a abolição da escravatura em 1888, fora perdendo mão de obra e pouco a pouco o império do café fora dando lugar a pequenas lavouras, desenvolvimento da pecuária e criação de indústrias. Além disso, o estudo apresenta as estâncias pertencentes ao município de Vassouras:

De acordo com a divisão territorial vigente em 1º de julho de 1957, o Município de Vassouras é constituído dos seguintes distritos: Vassouras, Andrade Pinto, Avelar, Engenheiro Paulo de Frontin, Ferreiros, Pati do Alferes, Sacra Família do Tinguá, Sebastião Lacerda e Taireté (em 1955, foram desmembrados os distritos de Miguel Pereira e Governador Portela). (IBGE, 1957, p. 5).

Ainda segundo Deister (2003), sobre a repercussão da capela, destaca que a mesma fora muito marcante no povoado, e assim, a designação de Barreiros fora substituída naturalmente por Santo Antônio da Estiva pelos moradores, ficando aceleradamente conhecida pelas demais estâncias vizinhas. Além disso, ainda de acordo com este autor, a estrada de ferro incumbiu-se da difusão da nova designação visto que em 1898 inaugurou no povoado a estação da Estiva.

De acordo com Muniz (1982), o Professor e Médico Miguel Pereira foi um ilustre morador da Vila Estiva, que ainda jovem já se destacava na maior Faculdade de Medicina da época localizada no Rio de Janeiro, sendo muito estimado e respeitado por seus alunos. Discorrera com seus discentes sobre o clima salubríssimo da Estiva, e os mesmos, futuramente encaminharam seus pacientes portadores de enfermidades pulmonares para a estância “[...] a fim de se recuperarem com a ajuda de seu clima saudável, considerado o melhor do mundo.” (MUNIZ, 1982, p. 101).

Nessa perspectiva, Deister (2003) afirma que o Dr. Miguel Pereira orientou muito de seus discípulos a encaminharem os doentes tuberculosos para a Vila Estiva em função do clima, repouso e alimentação natural adequados. Dessa forma, a

cidade ficou conhecida como “[...] Cidade da saúde [...]” como nos narra Muniz (1982, p. 100).

Em 1918 o professor Miguel Pereira faleceu em seu sítio Maria Clara na Estiva, local onde morou e que estimava, e, seu último pedido foi para que o enterrasse nas terras da Estiva. A partir daí, “[...] passou a localidade a ter o nome do ilustre médico.” (MUNIZ, 1982, p. 76).

Conforme Deister (2003), a partir de 1920 houve um crescimento demográfico da então denominada Vila Estiva, devido à grande divulgação da estância em virtude de seu clima e pelas belezas naturais divulgadas pelo então Dr. e Professor Miguel Pereira.

A partir do que foi exposto acima, baseando-se nas narrativas de Deister (2003) e Muniz (1982), Miguel Pereira desenvolveu-se como

vila a partir da criação da capela que se tornou ponto principal de referência da comunidade. Sendo assim, deu início ao desenvolvimento significativo em seu entorno, com a criação de residências e comércio local. Futuramente, teve seu nome inspirado em homenagem ao ilustre médico que atuou, morou e colaborou para a divulgação da localidade.

Com relação à emancipação do município de Miguel Pereira, Deister (2003) descreve que:

O então Governador Miguel Couto Filho tratou logo de legitimar o novo município assinando a Lei nº 2. 626 no festivo de 25 de outubro de 1955. No ano seguinte- ou mais exatamente em 26 de julho de 1956 – o mesmo governante sancionava a Lei nº 1.894 que criava a Comarca de Miguel Pereira, sendo essa instalada oficialmente em 25 de agosto de 1957. (DEISTER, 2003, p. 358).

A cidade de Miguel Pereira se constituía por dois Distritos, dos quais faziam parte outras localidades como nos narra Deister (2003):

[...] Cilândia, Barão de Javary, Vera Cruz, Francisco Fragoso, Monte Líbano, São José das Rolinhas, Marcos da Costa, Alto do Catete, Cruz das Almas, Vale das Princesas, Lagoa das Lontras, Arcádia, Santa Branca e Sertãozinho, cuja a área total alcançava 253 quilômetros quadrados. (DEISTER, 2003, p. 363).

De acordo com Muniz (1982), após a emancipação, Miguel Pereira teve um progresso acentuado, devido às iniciativas que favoreceram seu desenvolvimento. Segundo o autor, “o povo miguelense tinha agora sobre seus ombros uma grande responsabilidade [...]” de colaborar e honrar com a que denominou como a graça recebida da emancipação. (MUNIZ, 1982, p. 138).

Deister (2003) descreve que Miguel Pereira em seus primeiros anos de emancipação apresentou desenvolvimento significativo no campo do comércio, nos serviços hoteleiros, bancários e recreativos, estimulando o turismo na região.

Deister (2003) aponta que as décadas de quarenta e os anos iniciais de cinquenta foram marcados pelas dificuldades dos espaços escolares e materiais pedagógicos. No entanto, os professores que tinham consciência de seu papel e amor à educação, lutaram arduamente pelo avanço do ensino na região. Muitos deles mobilizavam-se para angariar materiais didáticos em outras localidades a fim de auxiliar alunos mais carentes financeiramente. Segundo o autor, nesse momento, deu início a um movimento de dedicação e

solidariedade em prol do avanço educacional no município.

Nesse contexto, que o cidadão Mário Vasconcellos Lopes Rêgo chega a Miguel Pereira.

2.1 - Contexto histórico educacional vigente no período de 1950 a 1970

A educação brasileira passou por momentos decisivos ao longo de sua história. Dessa forma, apresenta-se um breve retrospecto de alguns desses marcos históricos a fim de compreender o período de atuação do professor Mário, atendo-se assim ao contexto histórico educacional que subsidiou a criação do Ginásio Miguel Couto em Miguel Pereira, este, por sua vez, ligado à Campanha de

Educandários Gratuitos (CNEG) como afirma Deister (2003).

Com a criação do Ministério da Educação em 1930, a educação brasileira deu início a transformações significativas devido à influência de educadores, pensadores e estudiosos engajados na implementação de ações que favorecessem o desenvolvimento educacional no país, como nos narra Aranha (1996).

Vale ressaltar que em 1932 foi publicado O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, documento este que retratou bem o período intitulado “otimismo pedagógico”, o qual retratava o momento de esperança de oportunizar uma educação democrática capaz de realizar transformações na sociedade através da escola (ARANHA, 1996, p. 198).

De acordo com a autora, o documento foi elaborado por 26 educadores e que preconizava ideias que garantiriam uma nova visão educacional no Brasil.

[...] O documento defende a educação obrigatória, pública, gratuita e leiga como um dever do Estado, a ser implantada no âmbito nacional. Critica o sistema dual, que destina uma escola para os ricos e outra para os pobres, reivindicando a escola básica única. (ARANHA, 1996, p. 198).

A partir desse contexto, a educação brasileira passou por mudanças significativas tendo em vista a aplicação das ideias antes existentes apenas no campo filosófico, as quais “[...] começaram a dar-lhe feição de um sistema articulado, segundo normas do Governo Federal.” (PILETTI; PILETTI, 1997, p. 175).

De acordo com Piletti e Piletti (1997) ainda que a educação tenha sofrido transformações relevantes em 1930, o governo não elaborou um documento de ordem legal que outorgasse um todo articulado, e sim, criou leis soltas, mas ainda assim, homogêneas para os variados graus e modalidades de ensino.

Segundo as palavras dos autores, “A Lei do ensino primário só foi promulgada a 2 de janeiro de 1946 (Decreto-lei n.º 8 529). Constitui a primeira regulamentação nacional do ensino primário, depois de 1827.” (PILETTI; PILETTI, 1997, p. 178).

Desta forma, na perspectiva da criação da Lei do primário, os autores esclarecem que:

Dividia-se a escolarização em fundamental e supletiva, destinando aquela às crianças

de 7 a 12 anos e esta aos adolescentes e adultos maiores de 13. A fundamental compreendia quatro anos do curso elementar e um complementar, que era, no fundo, o anterior ‘cursinho’ de adestramento para o exame de admissão ao ginásio. (PILETTI; PILETTI, 1997, p. 178).

Já na elaboração da Lei do ensino secundário, o mesmo passou na época em questão “[...] por duas reformas: a primeira em 1931 (Decreto n.º 19 890, de 18 de abril) e a segunda em 1942 (Decreto-lei n.º 4 244, de 9 de abril).” (PILETTI; PILETTI, 1997, p. 178).

Ainda no ponto de vista dos objetivos do curso secundário, os autores retratam que “[...] tanto a reforma de Francisco Campos (1931) quanto a de Gustavo Capanema (1942) – ambos Ministros da Educação – atribuíram ao curso

secundário uma dupla finalidade de: formação geral e preparação para o ensino superior.” (PILETTI; PILETTI, 1997, p. 178).

Conforme Nascimento e Hora (2013), em 1931 a Reforma Francisco Campos ratificou a finalidade do ensino secundário, aumentando seu período de duração para sete anos, organizando-os em dois ciclos, em que o primeiro compreendia 5 anos, denominado de fundamental e, o segundo, compreendia 2 anos, denominado de curso complementar.

A Reforma Francisco Campos, no que tange ao ensino profissionalizante, regulamenta “[...] a atividade de contador e o curso comercial [...]” (ARANHA, 1996, p. 201).

De acordo com Aranha (1996, p. 202) a Reforma Capanema, em 1942, regulamenta as Leis

Orgânicas do Ensino, as quais reestruturaram o ensino secundário que passa “[...] a ser constituído do Ginásio de quatro anos e Colegial de três anos, este dividido em curso clássico (com predominância de humanidades) e científico.”

A partir disso, como se pode observar pelas citações acima, o ensino secundário passou por várias reformulações ao longo do tempo, e vale esclarecer no que se refere aos níveis de ensino, o mesmo compreendia:

[...] o que denominamos de ensino secundário corresponde atualmente ao segundo segmento do ensino fundamental. No entanto, questões a ele referidas nesse passado, não tão distante, reaparecem com força, projetadas no atual nível do ensino médio [...] (NUNES, 2000, p. 36).

Na perspectiva da equivalência entre o ensino secundário e o ensino técnico, Piletti e Piletti (1997) narram que:

A verdadeira equivalência só aconteceria em 1961, com a Lei n.º 4 024, de 20 de dezembro. A partir daí, o ensino médio passou a incluir o secundário, os três ramos do ensino técnico – industrial, comercial e agrícola – e o curso normal. [...], concluído dava o direito a matrícula em qualquer modalidade do 2.º ciclo; e qualquer que fosse o 2.º ciclo concluído – secundário, técnico ou normal – permitia o ingresso no ensino superior. (PILETTI; PILETTI, 1997, p. 189).

Diante do exposto, “a primeira Lei brasileira a estabelecer Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em todos os níveis, do primário ao superior, foi a Lei n.º 4024, de 20 de dezembro de 1961.” (PILETTI; PILETTI, 1997, p. 189).

No que tange à reformulação do ensino secundário, Piletti e Piletti (1997) afirmam que o mesmo ocorreu com a Lei 5 692/71, a qual estabelece um reestrutura, em que o curso primário e o ginásio se unificaram passando a constituir o 1º grau correspondente a 8 anos de duração de conclusão, e o ensino 2º grau compreendido pelos cursos profissionalizantes.

Ao analisar as palavras dos autores acima, pode-se observar que antigamente o que se denominava ensino secundário era composto pelas séries finais dos atualmente denominados Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Conforme Nascimento e Hora (2013), no período de intervalo do Estado Novo e o Regime Militar de 1964, o país vivenciou uma forte influência das classes populares, médias e operárias

que reivindicaram ao governo melhorias para a promoção da escolarização por meio do aumento do número de ginásios públicos no país.

Em síntese, Nunes (2000) afirma que o avanço do ensino secundário no país ocorreu devido à abertura de ginásios em lugares em que o ensino secundário não existia. Além disso, ainda de acordo com esta autora, informa que a região sudeste era a que detinha maior expansão do ensino secundário em relação às demais.

Desta forma, no contexto de atuação do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo de acordo com Silva *et al.* (2003), assim como também narra Deister (2003), havia um movimento ligado a CNEG de implementação de Ginásios por todo país, na década de 1950.

Com o propósito de democratização do ensino secundário no país, a CNEG dissemina esse ideal por todo o país e, funda-se em Mato Grosso, no ano de 1949, o primeiro Ginásio da Campanha (ASTOFE, 2017).

Já no ano de 1959, funda-se no Rio de Janeiro, o Ginásio Brigadeiro Newton Braga como afirma Nascimento e Hora (2013), este também ligado à CNEG.

Segundo Silva *et al.* (2003), a concepção central da CNEG (Campanha Nacional de Educandários Gratuitos), era de oportunizar educação supostamente gratuita a comunidade visando contribuir para o avanço educacional regional.

[...] um ginásio nesses moldes, além de suprir a carência da região, significava a

garantia de que seus filhos, terminado o ensino primário, poderiam dar continuidade aos seus estudos e, segundo o discurso cenegista [sic], de uma maneira não onerosa para eles, garantindo um futuro melhor na vida, já que à época era bastante difundida a compreensão da educação como forma de ascensão social. Para as autoridades públicas, os ginásios da Campanha representavam uma opção de escola ginásial e secundária menos custosa para os cofres públicos, em virtude de que a própria comunidade contribuía para a manutenção da escola através de donativos e das mensalidades escolares. Portanto, os custos eram repartidos entre a comunidade local, o governo federal, estadual e municipal. (SILVA *et al.* 2003, p. 2).

Vale destacar, segundo Pereira *et al.* (2018), que foi na época conhecida como Estado Novo (1937 - 1945), que a ideologia educacional girou em torno de formação para o trabalho, a fim de atender às demandas de progresso vividos na

realidade brasileira, tanto de ordem econômica, quanto de atuação na vida política. Conforme as palavras dos autores, este momento foi marcado por marchas em prol da retomada da liberdade democrática e em oposição à ditadura imposta por Vargas, que seriam aguçadas com o término da Segunda Guerra Mundial.

Nesse contexto histórico, conforme Pereira *et al.* (2018), a CNEC surgiu em Recife, no ano de 1943, e teve como principal precursor Felipe Tiago Gomes juntamente com uma equipe de colegas, que tinham como propósito a criação de ginásios gratuitos, a fim de possibilitar a continuação dos estudos, além do ensino primário, aos alunos com carência de meios financeiros. Dessa forma, ainda de acordo com estes autores, os alunos teriam a possibilidade de concretizar o ensino secundário e,

até mesmo, uma forma de cursarem uma faculdade futuramente.

Além disso, Pereira *et al.* (2018) relatam que posteriormente, mais precisamente em meados de 1967, a CNEG passa a ser denominada por CNEC, em razão do discurso em prol da comunidade.

Sendo assim, a fundação do Ginásio Miguel Couto em Miguel Pereira, em meados de 1957, foi movida pela inexistência de um ginásio próprio na comunidade local, em uma cidade recentemente emancipada e com dificuldades de infraestrutura, que garantisse aos alunos recém-saídos do curso primário, condições de dar continuidade aos estudos. Desta forma, o professor Mário, juntamente com uma equipe de companheiros comprometidos com a educação, fundou o primeiro Ginásio na localidade correspondente as

séries finais do então denominado Ensino Fundamental e, futuramente, o Colégio Comercial Professor Miguel Pereira oportunizando os cursos técnico de Contabilidade e Formação Geral.

3. Entrevistas com Ex-Alunos e Familiares do Prof. Mário Vasconcellos

Bosi (2007, p. 82) enfatiza a importância do desempenho da lembrança na história de vida do indivíduo, em que se cria um “[...] vínculo com outra época [...]” e corrobora para o sujeito que lembra o contentamento de defrontar-se com a escuta atenta de outros tantos sujeitos que almejam compreender suas narrativas, passando a sua história ganhar significado. Além disso, a autora esclarece que “[...] esta faculdade de relembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las a elas as imagens de agora.” (BOSI, 2007, p. 81).

De acordo com esta autora, o diálogo com uma pessoa mais velha é definida como “[...] uma obra de arte. [...]”, uma experiência de forte intensidade devido a complexidade de sentimentos, saudades, pessoas, imagens, enfim, memórias que constituem o indivíduo que lembra. (BOSI, 2007, p. 82).

Na perspectiva de construção histórica partindo de narrativas orais Ferreira e Moraes (2000) afirmam o seguinte:

Os relatos orais sobre o passado englobam explicitamente a experiência subjetiva. Isso já foi considerado uma limitação, mas hoje é reconhecido como uma das principais virtudes da história oral: fatos pinçados aqui e ali das histórias de vida dão ensejo às percepções de como um modo de entender o passado é construído, processado e integrado à vida de uma pessoa. Os antropólogos e historiadores que incorporam essa subjetividade a suas

análises tendem a adotar duas abordagens diferentes. Uma focaliza o que os depoimentos revelam sobre a história social: as complexidades da vida cotidiana e as contradições inerentes às relações de poder. A outra abordagem se interessa mais pela formação das narrativas e pelos meios que estas formas narrativas empregam para influenciar e firmar a memória. (FERREIRA; MORAES, 2000, p. 156).

Diante do exposto, ainda nas palavras destes autores, a história baseada na narrativa é uma metodologia de pesquisa por meio de entrevistas em que se almeja saber e compreender as experiências vividas pelo indivíduo (FERREIRA; MORAES, 2000).

Todas essas afirmações listadas acima contribuem para perceber que a narrativa é uma forma de construir e acima de tudo compreender a

história. O sujeito que lembra, corrobora para o resgate de um tempo vivido e sente-se valorizado pela arte de contar e compartilhar suas experiências, visto que se sente sujeito ativo nessa construção. Vale ressaltar que as narrativas orais estão repletas de informações permeadas de subjetividade, o qual acaba retendo em suas lembranças os fatos mais significativos que vivenciou.

Na perspectiva da relação do entrevistador e entrevistado, Ferreira e Moraes (2000, p. 234) ressaltam que “[...] é indispensável criar uma relação de confiança entre informante e entrevistador [...]”, com o desenvolvimento de um sentimento de empatia propiciando mais proximidade através de dialogicidade.

Na perspectiva do papel do entrevistador, Bosi (2007) afirma que:

[...] Nesta pesquisa fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças. (BOSI, 2007, p. 38).

Diante das palavras desta autora, o entrevistador assume um duplo papel. Ativo enquanto questiona e interpela o entrevistado e, passivo, enquanto recolhe informações e recordações. Desta forma, o entrevistador assume o papel de canal de divulgação da narrativa.

Segundo Ferreira e Moraes (2000, p. 234), o entrevistador deve seguir como diretriz alguns princípios básicos que oportunizem melhor conforto aos entrevistados:

Em regra o entrevistador deve, antes de mais nada, saber guardar silêncio, aprender

a ouvir [...]. Deve adaptar-se a psicologia da testemunha, respeitá-la, estar disposto a tomar pacientemente a conversa, suscitar a recordação através de um questionamento discreto se a testemunha for pouco loquaz, orientá-la sem precipitação, não a impedindo de perder-se em digressões, caso ela o seja em demasia, repetir em voz alta suas palavras se estas não forem claramente audíveis, procurar não falar ao mesmo tempo que ela não insistir quando evita uma recordação dolorosa, [...] as recordações precisam às vezes de um tempo para vir à tona, repetir a mesma pergunta de diferentes maneiras para tentar vencer resistências [...] (FERREIRA; MORAES, 2000, p. 156).

Para Bosi (2007, p. 90) “todas as histórias contadas pelo narrador inscrevem-se dentro da sua história, [...]”, sendo assim, o momento da narrativa está intrinsecamente associado a sua história de vida. Desta forma, segundo as palavras da autora as lembranças de pessoas mais velhas oportunizam

conhecer um tempo vivido pautado em suas memórias. Nessa perspectiva, ressalta a autora:

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial na memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: eles já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; eles já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida as lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais imensamente do que uma pessoa de idade. (BOSI, 2007, p. 60).

Conclui a autora que a pessoa mais velha que lembra, além de recordar o passado, não está entregue à fantasia, e sim, entregue-se de maneira

desperta e lúcida aos fatos marcantes de sua vida (BOSI, 2007).

Na perspectiva da história de vida como metodologia científica na área educacional, Burnier *et al.* (2007) retratam o seguinte:

Na área da educação, o uso cada vez mais disseminado das histórias de vida tem contribuído para uma melhor compreensão da condição docente, na medida em que renova as teorizações e os dispositivos de pesquisa e formação profissional. (BURNIER *et al.* 2007, p. 344).

A presente pesquisa recebeu aprovação pelo CEP da Universidade Severino Sombra – RJ (atualmente, Universidade de Vassouras), CAAAE 14352919.4.0000.5290, parecer 3.368.689 e adotou como metodologia a análise bibliográfica e documental, realização de entrevista com uso de

questionário qualitativo aberto, com vistas a resgatar as memórias dos entrevistados, lembranças de experiências vivenciadas, buscando compreender a prática adotada pelo professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo e sua relevância na formação de seus alunos, bem como o engrandecimento social e educacional da cidade. No que tange à utilização do questionário para subsidiar a entrevista, utilizou-se as seguintes perguntas como critério de roteiro:

1º - Em qual série o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo lhe deu aula?

2º - Como era a relação do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo com seus alunos?

3º - Como era a dinâmica das aulas do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo?

4º - Houve alguma contribuição do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo em sua formação enquanto pessoa? Sim ou não? Justifique.

5º - De certa forma, você acredita que o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo enquanto educador teve alguma característica marcante? Sim ou não? Descreva-a.

6º - Ao comparar a educação na atualidade com a educação na época em que você estudou, percebe algo de significativo? Sim ou não? Justifique.

7º - Você se lembra de alguma experiência durante esse convívio com o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo que tenha sido mais significativa? Fale sobre ela.

A fim de preservar a identidade dos entrevistados, identificaram-se os mesmos por números, conforme orienta Burnier *et al.* (2007).

Ouviram-se, portanto, 11 ex-alunos que estudaram o Ginásio com o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo, todos oriundos da região Centro Sul Fluminense, residentes na cidade de Miguel Pereira. A seleção de tais entrevistados procurou obedecer aos seguintes critérios:

- Ex-alunos de ambos os sexos. Foram 7 mulheres e 4 homens;
- Ex-alunos do primeiro Ginásio inaugurado no município de Miguel Pereira. Deste quantitativo listado acima foram 2 homens e 1 mulher;

- Ex-alunos estudantes em décadas distintas tais como, 1950, 1960 e 1970.

Realizaram-se 10 entrevistas no período vespertino e 1 no período matutino, gravadas e ocorridas na residência dos entrevistados, mais precisamente na sala de estar, deixando essa escolha a cargo do entrevistado. Vale esclarecer, que somente uma entrevista realizou-se em local de trabalho do entrevistado. Com a finalidade de oportunizar melhor conforto e organização de pensamentos, apresentou-se previamente o roteiro de perguntas a serem realizadas, o qual o entrevistado fora estimulado a falar sobre a história de sua vida tendo como enfoque central lembranças pertinentes ao convívio com o professor Mário.

O tempo de duração de gravação de cada entrevista variou em média superior de 4 a 30 minutos de acordo com a característica pessoal de cada entrevistado (alguns foram mais objetivos, outros mais detalhistas). Vale ressaltar que o tempo de duração da gravação não fora um aspecto relevante e sim as informações lembradas e compartilhadas, respeitando, a todo instante, o temperamento de cada narrador. Nesse contexto da abordagem, os entrevistados tiveram a oportunidade de relembrar fatos passados e de certa forma decisivos e significativos em seu tempo de escola.

Quanto ao aspecto da análise das entrevistas, enfatiza-se que se baseará essencialmente nos objetivos propostos inicialmente nesta pesquisa. Desta forma, busca-se

compreender a prática pedagógica utilizada pelo professor Mário, suas características enquanto educador e a sua relevância na formação de seus alunos. Neste contexto de abordagem, cabe ao pesquisador a minuciosa tarefa de compartilhar as informações recebidas. Quanto a isso, Burnier *et al.* (2007) esclarecem que:

[...] o pesquisador, ao debruçar-se sobre os dados obtidos no contexto das narrativas dos sujeitos, se depara com o desafio de compreender tais histórias não apenas a partir de suas especificidades, mas também levando em conta o que há de “compartilhado” com as histórias de outros sujeitos. (ANDRÉ, 1997, p. 72 *apud* BURNIER *et al.*, 2007, p. 346).

Indagados a respeito da relação do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo com seus alunos, praticamente todos ressaltaram de forma incisiva o caráter enérgico e sério do

docente, não admitia brincadeiras, valorizava o empenho dos bons alunos e primava por um relacionamento de liderança e disciplina, visando à formação integral dos mesmos, não admitindo displicência com os estudos, pois

Era uma relação de liderança amigável, então não tinha brincadeiras, mas tinha aquele ato de mostrar como era a vida de um ser humano chegando naquilo que há de melhor para viver e conviver, porque ele dava os exemplos melhores que poderiam existir. (Entrevistado 5).

Em apenas um dos relatos, o entrevistado menciona o sentimento de medo que sentira em relação ao professor Mário, muito embora ressalte, em seguida, que compreendia que sua postura enérgica visava à formação dos alunos enquanto pessoas. No entanto, outro aluno o descreve em sala de aula

[...] ele era um tanto assim sóbrio, uma pessoa mais formal, disciplinador e até algumas vezes ele era austero, já fora de sala de aula [...], foi muito amigo e conselheiro de vários alunos e tinha um maior prazer em ajudá-los nas dificuldades em que apresentassem [...] (Entrevistado 3).

Já em outro, o entrevistado narra que a relação com seus alunos era de autoridade sem autoritarismo

[...] ficava subtendida assim uma hierarquia, respeito, mas sem medo. Era uma relação assim, no caso do professor Mário, ele tinha autoridade, mas não era autoritário, era bem respeitado com certeza! (Entrevistado 10).

Na perspectiva da relação aluno e professor, Libâneo (1994, p. 116) esclarece que “[...] ao mesmo tempo que o professor não contemporiza com a negligência e com o descumprimento dos

deveres, deve estar atento para o bom relacionamento humano com os alunos. [...]”

Nessa perspectiva, o autor ressalta a importância de se manter na classe um clima de equilíbrio entre desempenho de tarefas e boa convivência com os alunos.

Sobre a dinâmica das aulas, os entrevistados especificaram a metodologia de ensino que mais se identificaram, assim como a disciplina tais como História e Geografia. Alguns citaram as matérias copiadas no quadro, já outros as dissertações, o sistema de fichas contendo as matérias, exercícios de fixação, realização de mapas e em um dos relatos foi mencionado o incentivo à leitura.

As aulas eram orais, ele usava o quadro-negro para escrever um item da matéria que ele selecionava para a dissertação [...] (Entrevistado 3).

Ele pegava uma ficha, saía contando a história ou o fato geográfico, ou fato histórico e nós copiávamos em nossos cadernos. O ponto era tal, então nós tínhamos que entender e explicar com nossas palavras aquilo que tínhamos entendido. Uma pessoa que só ensinava coisas boas, [lágrimas] eu me emociono porque todos nós absorvíamos com orgulho os ensinamentos dele. Fazia com que estudássemos com prazer pra saber pro mundo, edificar o ser humano para o mundo tipo Khalil Gibran Kalil: “Seus filhos não são seus filhos, a gente cria pro mundo.” [...] (Entrevistado 5).

Em outra matéria, como por exemplo

[...] em Geografia a gente fazia os mapas para estudo, então quando a gente estudava as serras, fazia o mapa em papel manteiga desenhava toda a serra em verde. Depois, no ano seguinte quando a gente ia estudar hidrografia, já era tudo em azul. [...] a gente ficava com aquele mapa belíssimo colorido com as serras verdes, os rios em azul, então, [...] ele com os poucos recursos

que existia na época, fazia com que a gente também visse o lúdico nisso. (Entrevistado 6).

E outro que completa o método

Ele me deu uma coleção histórica [...]. Ele me dava o volume, eu lia e depois me chamava na sala dele e me fazia várias perguntas sobre aquele volume. Eu tinha lido tudo, sabia tudo e ia respondendo. [...], e aquilo ali me ajudou muito na minha formação de conhecimentos. Aquilo foi ampliando a minha visão, o fato da importância de ler, de você que através de um livro você pode se transportar, não precisa viajar ao local, você pode chegar ao local pela leitura, isso foi muito importante! [...] (Entrevistado 7).

Acerca da formação docente, Nóvoa (2007, p. 1121) afirma que o “aprender a ser professor exige um trabalho metódico e sistemático [...].”

Dessa forma, esclarece o autor, que é fundamental por parte do professor a busca pela

vivência cultural e científica, num ininterrupto processo de familiaridade com a literatura, e outras áreas do conhecimento, “[...] para que o diálogo com os alunos tenha riqueza formativa. [...]” (NÓVOA, 2007, p. 1122).

Diante das palavras do autor, podemos evidenciar a importância da formação docente e sua contribuição quanto à importância do seu exemplo como fonte de inspiração na formação de hábitos em seus alunos.

Ao analisar as narrativas, pode-se perceber que o ensino adotado pelo mencionado professor era tradicional, o qual segundo Leão (1999) baseia-se na transmissão dos conhecimentos, em que os conteúdos eram previamente selecionados e organizados para serem transmitidos, cabendo ao

professor o papel de transmissor e, ao aluno, o papel de receptor de informações.

Sobre a contribuição do referido professor em sua formação pessoal, todos ressaltaram de forma incisiva o quanto o mesmo fora decisivo em sua trajetória acadêmica. Em dois dos relatos, os entrevistados enfatizaram o aspecto intelectual como o aspecto mais relevante. Além disso, um entrevistado ressaltou o espírito de equipe e convivência por conta dos trabalhos realizados em grupo. Já os outros restantes, enfatizaram a contribuição no aspecto de valores como disciplina, honestidade, dignidade devido à personalidade do professor.

[...] ele sempre atuou de uma forma exemplar. Primou pelos bons princípios, primou pela verdade, autenticidade das pessoas, então com isso, eu admirava essas

qualidades, essas virtudes bastante fortes firmes nele, então, isso contribuiu e muito pra minha formação moral. (Entrevistado 3).

[...] a personalidade dele forte, a condução dele na turma, a disciplina, com certeza me marcou e acho que marcou o resto da turma também. Eu acho que toda a personalidade dele, a maneira dele ensinar, [...] marcou minha vida de aluna, de professora e de pessoa com certeza! (Entrevistado 10).

Já outro ressalta como aspecto importante, o sentimento de amor pela educação que dotava o docente, inspirando assim a escolha da profissão pelo entrevistado.

[...] a coisa mais linda do mundo era ele dar valor a tudo isso. Da educação, em si, de tudo! O amor pela educação, por ser professor! [lágrimas]. Eu amava o professor Mário! [...] eu sempre fui muito organizada com essas coisas por conta dele. De fazer planejamento, porque hoje

sou professora também. De lembrar dele, de ter alguma coisa legal pra passar e de ter esse carinho. [...] (Entrevistado 9).

Diante dos relatos, observou-se que o professor Mário contribuiu significativamente para a formação dos alunos e, neste contexto do papel do docente, Libâneo (1994) narra que:

[...] é de extrema importância a personalidade e a atitude profissional. Professor que tem clareza dos objetivos educativos da sua profissão e dos propósitos a respeito da formação intelectual e moral dos alunos, que revela um verdadeiro interesse pela preparação cultural das crianças e para a vida adulta, que incute nos alunos o senso de responsabilidade [...] (LIBÂNEO, 1994, p. 115).

Acerca das características marcantes do referido professor, os entrevistados, em sua maioria, evidenciaram a austeridade e a postura

enérgica de seu comportamento. Em um dos relatos, o entrevistado ressaltou o lado do educador enquanto cidadão e sua contribuição para o processo educacional na localidade. Já outros mencionaram os valores morais do referido professor, sua conduta e postura ante ao estímulo pelo estudo, o esforço de se buscar o conhecimento.

Eu acho que a principal característica dele era essa disciplina, essa organização, acho que dessa forma que ele marcou pra todos nós. Foi o que eu disse a você, ao mesmo tempo em que ele tinha autoridade ele não era autoritário. Ele fazia com que o aluno admirasse o professor. (Entrevistado 10).

Em um dos relatos o entrevistado menciona a relação do professor com a ação educativa.

[...] a seriedade dele, a ética, o comportamento dele conosco, pra falar conosco, pra nos chamar atenção, pra brincar com a gente, ele sempre tinha alguma coisa doce no meio. Ele tinha muito carinho, acho que ele gostava de lecionar, acho que aquilo ali era a vida dele. (Entrevistado 11).

De acordo com os depoimentos, verificou-se a importância do professor Mário enquanto pessoa, munida de seus valores, postura e comportamento influenciando diretamente sua prática profissional. Sobre isto Nóvoa (2017) afirma que o caráter do docente influencia de forma decisiva na sua prática educativa, visto que as ações do sujeito estão intimamente ligadas à sua formação.

No que tange à comparação da educação na atualidade com a época em que estudaram, dentre

vários aspectos mencionados, em um dos relatos foi descrita a falta de parceria com as famílias, bem como o uso abusivo de celular na sala de aula. Muitos enfatizaram de forma incisiva, sobre o desrespeito do aluno para com o professor no ambiente escolar e o respeito que o papel do professor estabelecia em outrora.

[...] o respeito que os professores daquela época empunham, o professor Mário era um exemplo e a aceitação dos alunos, aquilo ali sendo um ato de amor e de formação para o jovem e hoje o que se vê nas salas de aula: os alunos não tem foco, não respeitam os professores, também não respeitam nem os pais. Eu acho essa a grande diferença do corpo docente e corpo discente daquela época que não tem nem tanto tempo assim, e hoje. (Entrevistado 5).

São comuns as falas sobre a facilidade de recursos na atualidade, todavia com menos conteúdo a ser apreendido.

Percebo sim, eu acho que hoje tem muita facilidade e acho que menos conteúdo. Nós tínhamos naquela época mais conteúdo e menos recursos tecnológicos, [...] mas a gente fazia muita coisa. Fazia muitas pesquisas em livros, em enciclopédias, era o que a gente dispunha. [...] o professor Mário dava as diretrizes pra gente, pra que a gente fosse aos lugares que pudéssemos encontrar mais recursos pra isso. (Entrevistado 6).

A partir das explicações, são comuns as falas que utilizam termos como “nossa época”, constata-se, assim, que os depoimentos estão diretamente ligados a uma análise comparativa com a prática de ensino exercida pelo professor Mário e a educação vivenciada nos tempos atuais. Sobre a

influência do papel do professor e do ambiente escolar, Libâneo (1994) narra que:

[...] o professor deve ter constância e firmeza na direção da classe: ordem nos cadernos, livros, tarefas de casa e exercícios; manutenção de um clima de trabalho na classe, para assegurar a atenção e concentração nas tarefas; atitudes de respeito para com o professor, com os colegas e com o pessoal da escola; hábitos de educação [...]; tarefas bem-feitas e corretas, etc. [...] (LIBÂNEO, 1994, p. 116).

Diante das palavras do autor, a ação educativa está diretamente relacionada com a postura do professor perante aos seus alunos, bem como o estabelecimento de regras que contribuam para uma convivência respeitosa entre os pares e a realização efetiva de tarefas. Evidencia-se assim, baseado nos depoimentos dos entrevistados, que a

prática exercida pelo professor Mário era realizada num ambiente organizado e disciplinado, no qual os membros respeitavam-se mutuamente.

Finalmente, perguntados acerca de alguma experiência durante esse convívio com o mencionado professor que tenha sido mais significativa, os entrevistados descreveram emocionados suas recordações. Neste contexto de abordagem, cada qual registrou o fato mais relevante desse tempo de convívio. Deste modo, a lembrança se deteve sobre a importância do foco nos seus objetivos, assim como a honestidade para se alcançar o que almeja, a seriedade de se tratar o estudo, o trabalho voluntário na Casa Espírita, as aulas de reforço aos seus alunos.

[...] ajudou muitas pessoas [...] ele explicava, dava as aulas [...] sem nada

costrar e sem nenhuma ostentação. Ele nunca falou desses trabalhos que ele fazia pras pessoas, esses benefícios, tomamos conhecimento através dos próprios alunos [...] antes dele começar a lecionar no ginásio Miguel Couto, anos antes já vinha dando aulas gratuitamente fazendo trabalho voluntário muito bonito no Centro Espírita Joana D'Arc. Lá ele atendeu várias crianças alfabetizando, eu inclusive fui alfabetizada por ele [...] Dali eu creio foi onde que o professor Cornélio, seu ex-professor, deve ter tomado conhecimento, quando ele soube que o professor Mário estava fazendo esse trabalho com a comunidade lá no Joana D'Arc ele se viu motivado a convidá-lo para fundar o ginásio [...]. Aí nasceu a oportunidade pra ele de fazer um trabalho maior dentro do município, de expandir esse trabalho abrangendo a comunidade em geral. (Entrevistado 3).

Já em um dos depoimentos, um entrevistado relata uma experiência que retratou a atitude perseverante do mencionado professor em

busca do empenho de seus alunos com os estudos, movido pela crença no potencial dos mesmos.

Tem um fato de um grande amigo nosso que já faleceu [...] que foi um exemplo de como o professor Mário foi importante em nossas vidas e como ele fez surgir um homem totalmente diferente do que era. Era muito levado, muito bagunceiro, não obedecia a nada e nem a ninguém, e não gostava de estudar. Mas o professor Mário primeiro chegou duro em cima dele, duro mesmo pela seriedade. Ele sabia dar um sermão e depois passar a mão na cabeça, dizendo você vai melhorar! Ele foi convencendo X, não deixando de ser duro o tempo inteiro, mas conversando, enfim, e formou um homem de uma beleza não só como pessoa humana no convívio com a gente, mas um profissional de mão cheia, um homem que passou a adora estudar. Fez a Engenharia, fez a faculdade de Matemática e depois fez pós-graduação em Matemática e foi um professor maravilhoso que nenhum de nós acreditava no início porque ele não gostava de estudar. O professor Mário fez ele

gostar de estudar, então isso foi pra mim um exemplo de professor no sentido mais profundo da palavra, é..., mais nobre que eu vi. (Entrevistado 7).

Um entrevistado descreve emocionado sobre a importância da cultura na vida de uma pessoa, do qual foi importante o papel do referido professor em sua vida e de seus irmãos.

Olha, acreditar que tudo é possível desde que você faça foco naquilo que quer e precisa, [...] como homem no sentido de ser humano, [...] foco e honestidade naquilo que você está fazendo. [lágrimas] Com sinceridade, eu me emociono quando falo dele, [...], ele deixou marcado [...] embora ele não esteja hoje entre nós, o mais importante dele continua. Nós somos o fruto disso aí. Meu pai era Kardecista, dois irmãos foram alunos dele lá no Joana D'Arc e todos falam emocionados conforme agora eu estou. O dar aula era um voluntariado, nós todos filhos de classe média sem que tivéssemos cultura dentro de casa. Ele trazia a cultura pra nós, a

gente não tinha [lágrimas], desculpe! [...] nós conhecíamos o mundo através do rádio e das aulas de História e Geografia do professor Mário; [...] uma vez [...] ele falou: “O dinheiro se bobear na primeira geração acabou, mas cultura e instrução ninguém retira.” Eu uso isso, a cultura é a grande fortuna que nós temos. Ele foi e é uma figura ligada a educação que sempre demonstrou carinho pela nossa cidade. Deixou e deixa pra nós desta cidade que poucos terão condições de suplantá-lo. (Entrevistado 5).

Diante das narrativas, Bosi (2007, p. 408) apresenta uma reflexão que vai ao encontro a análise destes discursos, pois esclarece que “há fatos que não tiveram ressonância coletiva e se imprimiram apenas em nossa subjetividade. E há fatos que, embora testemunhados por outros, só repercutiram profundamente em nós; e dizemos: “Só eu senti, só eu compreendi”. Um exemplo

disso pode ser o desaparecimento de uma pessoa que consideramos de especial valor [...]”.

Deste modo, de acordo com as palavras da autora, ainda que algumas experiências sejam compartilhadas no coletivo, cada sujeito interpretará fatos e situações de acordo com seu mundo íntimo, de forma bem peculiar e singular.

Diante do exposto, vale ressaltar a importância que as pessoas exercem nas vidas umas das outras, de modo que essas influências criam raízes profundas, marcando de forma decisiva a história de vida pessoal. E mesmo que elas não estejam mais presentes fisicamente, seu legado permanece. Dessa forma, a história de vida oportuniza eternizar as experiências, crenças, a vida e a obra de uma pessoa, contribuindo para que

futuras gerações tomem conhecimento do legado deixado.

Considerações Finais:

Ao retornarmos à pergunta inicial a respeito das estratégias de inserção social adotadas pelo cidadão Mário Vasconcellos Lopes Rêgo na cidade de Miguel Pereira – RJ evidenciou-se a hipótese apresentada, visto que o mesmo utilizou a educação, a religião e o lazer para fixar-se no local. Além de detentor de conhecimento acadêmico, possuía caráter altruísta e responsabilidade social. Desta forma, além de destacar-se como um ilustre professor e um dos pioneiros responsáveis pela criação do primeiro ginásio e curso secundário na localidade, Mário era um homem solidário, generoso e comprometido com a Doutrina a qual professara, e, além disso, atuou como diretor do

Miguel Pereira Atlético Clube em Miguel Pereira. Diante do exposto, o referido professor teve grande importância no desenvolvimento educacional e social daquela pequena comunidade, além, claro, contribuindo de forma decisiva na formação de seus alunos.

Ao recordarmos um passado remoto, no qual estão presentes lembranças e memórias repletas de significados, percebemos a importância de dar voz à memória. Memórias essas que constituem o indivíduo e toda a sua história de vida. Recordar oportuniza relembrar, valorizar o legado e as marcas deixadas por pessoas que contribuíram de forma significativa para a nossa construção enquanto indivíduos. Tais valores e vivências fazem parte de quem somos, ao passo

que aquele que é lembrado, de certa forma, vive dentro de nós, faz parte de nós.

Sendo assim, vale repensar a importância das pessoas que, com sua forma de ser e de agir, contribuem para a nossa formação. Um professor pode marcar profundamente a vida de um aluno e, por isso, diante das narrativas, podemos evidenciar a importância do legado do professor Mário, que, com sua postura enérgica, cooperou para a formação intelectual, moral e, fundamentalmente, humana de seus alunos. É assim que a história da pessoa se entrelaça com outras tantas histórias, tantas lembranças assinaladas por imagens e recordações que oportunizam registrar e recontar a história. Constata-se que história se faz com livros, registros, gestos, pensamentos, palavras, ações e memórias.

História de vida que é permeada de outras tantas histórias de papéis exercidos, como o de filho, irmão, marido, diretor, voluntário, pai, amigo, avô, cidadão... e professor!

Referências:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ASTOFE, Abigail Ferreira Alves. Campanha nacional de educandários gratuitos no sul do Mato Grosso (1949): em perspectivas agentes e campo educacional. **Anais eletrônicos do IV EHECO**, Campo Grande, MS, 2017, ISSN 22374310.

Disponível em:

eheco.com.br/ARQUIVOS/ANAIS/Abigail%20Ferreira%20Alves%20Astofe.pdf. Acesso em: 19 jul. 2019.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BURNIER, Suzana *et al.* História de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação**, Minas Gerais, v. 12, n. 35, maio/ago. 2007. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a13v1235.pdf. Acesso em: 24 jul. 2019.

BARROS, Myriam M. L. Memória, experiência e narrativa. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 12, n. 29, p. 4-17, jul./dez. 2011. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/illuminuras/article/download/25339/pdf_1. Acesso em: 12 mar. 2019

DEISTER, Sebastião. **Terras de ontem, serra de sempre: Serra do Tinguá - 300 Anos de Conquistas do Século XVII ao Século XX**. v. III. Rio de Janeiro: Dedalus, 2003.

DEISTER, Sebastião. Estudo biográfico 11 professor Mário Lopes Rêgo. **Jornal Regional**, Miguel Pereira, n. 61, p. 10, 27 de nov. 2015.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FELDMANN, Marina G.; HAGE, Maria S. C. As narrativas de história como possibilidade de transformação na formação de professores. **Revista Cocar**, Belém, v. 9, n. 18, p. 61-82,

jul./dez. 2015. Disponível em:

<https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/download/704/526>. Acesso em: 09 mar. 2019.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

IBGE. Conselho Nacional de Estatística. **Coleção de monografias nº 156**. Vassouras. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1957.

Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/113/col_mono_n156_vassouras.pdf. Acesso em: 28 de abr. 2019.

IBGE. Conselho Nacional de Estatística. **Coleção de monografias nº 348**. Miguel Pereira. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1966.

Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/113/col_mono_n348_miguelpereira.pdf. Acesso em 28 de abr. 2019.

LAMEGO, Alberto R. **O homem e a serra**. 2º ed. Biblioteca geográfica brasileira, 1963.

LEÃO, Denise M. M. Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista. **Caderno de Pesquisa**, nº 107, p. 187-206, julho, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a08.pdf>. Acesso em: 13 out. 2019.

LENNA JR., Hélio. Astrogildo Pereira: um intransigente libertário (1917-1922). 1999. 172 f. **Dissertação** (Mestrado) - Universidade Severino Sombra, Vassouras, Rio de Janeiro, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MUNIZ, Manoel Vieira. **Subsídios à história do município de Miguel Pereira**. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

MELO, Maria Cristina de Godoy. Dona Maria: uma educadora em Vassouras, tradição e renovação. 2000. 71 f. **Dissertação** (Mestrado) -

Universidade Severino Sombra, Vassouras, Rio de Janeiro, 2000.

MONTEIRO, Angelo F. Vassouras - origens do povoado até o centenário de elevação à cidade.

Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades. v. 3, n. 2, jun./dez., 2012.

Vassouras, Editora da Universidade de Vassouras, 2012. Disponível em:

<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/176/104>. Acesso em: 13 dez. 2018.

NASCIMENTO, Jussara C.; HORA, Dayse Martins. **O contexto de expansão do ensino secundário e a história do Ginásio Brigadeiro Newton Braga.** 2013. Disponível em:

http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/10/artigo_simposio_10_795_professorajussara@yahoo.com.br.pdf.

Acesso em: 19 jul. 2019.

NASCIMENTO, Thiago Rodrigues. A formação do professor de História no Brasil: percurso histórico e periodização. **Revista História Hoje**, v.

2, n. 4, p. 265-304, 2013. Disponível em:
<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/98/79>
. Acesso em: 23 nov. 2019.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa** v. 47 n. 166, p. 1106-1133, out./dez. 2017. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n166/1980-5314-cp-47-166-1106.pdf>. Acesso em 01 abr. 2019.

NUNES, Clarice. O velho e bom ensino secundário: momentos decisivos. **Revista Brasileira de Educação**. n.14, maio/jun./jul./ago. 2000. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a04.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2019.

PEREIRA, F. Idinária *et al.* A criação das escolas cenevistas no Brasil: uma abordagem histórica. **Research, Society and Development**, v. 7, n. 11, p. 1-14, maio 2018. ISSN 2525 – 3409 (CC BY 4.0). Disponível em:
<https://rsd.unifei.edu.br/index.php/rsd/article/download/406/329>. Acesso em: 17 jul. 2019.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História da Educação**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1997.

SANTOS, Geisa Arlete do Carmo. **As narrativas e as trajetórias das histórias de vida dos educadores: olhares singulares estruturantes da docência**. 2010. Disponível em:
https://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2012_2/4_AS_NARRATIVAS_TRAJETORIAS_HISTORIAS_VIDA_EDUCADORES_Geisa_Santos_51_65.pdf. Acesso em: 07 mar. 2019.

SOUSA, Jane Bezerra. De mestre-escola a professora pública: a história de vida de Maria Pureza Cardoso Araújo (1920 a 2013). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n° 67, p. 103, mar2016 – ISSN: 1676-2584 93 Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/download/.../13287>. Acesso em: 05 nov. 2018.

SILVA, F. *et al.* **Escritos sobre história e educação** - homenagem à Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro: Editora Mauad FAPERJ, 2001.

SILVA, R. *et al.* A atuação da campanha nacional de escolas da comunidade – CNEC na educação baiana (1953-1964). **ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História** – Universidade do Estado da Bahia, João Pessoa, 2003. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.599.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2019.

SOUZA, Elizeu Clementino de. O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004. **Tese** (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Bahia, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10267/1/Tese_Elizeu%20Souza.pdf . Acesso em: 09 mar. 2019.

VERDUM, Priscila. Prática pedagógica: o que é? o que envolve? **Revista Educação por Escrito - PUCRS**, v. 4, n.1, jul. 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/viewFile/14376/9703>. Acesso em: 04 mar. 2019.

Apêndices:

TRANSCRIÇÃO EXATA DAS ENTREVISTAS COM OS EX-ALUNOS

ENTREVISTADO 1

1º - Em qual série o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo lhe deu aula?

Eu estudei da primeira série a quarta série do curso ginásial, 1964 em diante.

2º - Como era a relação do professor Mário Vasconcellos Rêgo com seus alunos?

Ele era enérgico, amigo, principalmente dos bons alunos e sendo muito respeitado.

3º Como era a dinâmica das aulas do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo?

Tinha como hábito na época, levar a matéria escrita em caderno, pedia sempre um aluno para escrever no quadro, ele explicava depois a matéria. O procedimento dele era geralmente assim.

4° - Houve alguma contribuição do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo em sua formação enquanto pessoa? Sim ou não? Justifique.

Sim, aprendi a ser uma pessoa correta, fazer boas amizades sem discriminar o próximo e só tive bons fluidos neste sentido.

5° - De certa forma, você acredita que o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo enquanto educador teve alguma característica marcante? Sim ou não? Descreva-a.

Sim, como professor era muito respeitado, sabia pedir e impor o que queria sempre orientando, ensinando o exemplo de bons caminhos.

6° - Ao comparar a educação na atualidade com a educação na época em que você

estudou, percebe algo de significativo? Sim ou não? Justifique.

Sim, hoje não há respeito pelos educadores, ele na época como professor era muito respeitado. Tinha como costume uma tosse e ele quando tossia não se ouvia nem uma mosca voar, era muito respeitado, era um silêncio total.

7º - Você se lembra de alguma experiência durante esse convívio com o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo que tenha sido mais significativa? Fale sobre ela.

Olha, como eu respondi em outras perguntas, eu aprendi a ser uma pessoa que sou hoje: honesto, respeitado, sempre por onde passei deixei boa impressão sendo correto, ele, meus pais, sempre nos deram a sabedoria a seguir para o nosso próprio bem. Ele era uma pessoa muito enérgica.

ENTREVISTADO 2

1º - Em qual série o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo lhe deu aula?

Segundo, terceiro e quarto ano ginásial na Campanha Nacional de Educandários Gratuitos em 1966, 1967 e 1968.

2º - Como era a relação do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo com seus alunos?

Ele sempre foi muito enérgico, mas o bom aluno tinha as regalias com ele, não era o caso daquele aluno que não gostava de estudar, ele não aceitava isso. Ele ficava orgulhoso, feliz com aquele que gostava de estudar, que realmente queria estudar e triste com aqueles que ficavam desperdiçando o tempo deles, perdendo tempo na escola, chamava atenção, mandava chamar os pais na expectativa deles melhorarem. Com os bons alunos, ele elogiava e incentivava para que cada vez mais melhorassem.

3º - Como era a dinâmica das aulas do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo?

Ele fazia o plano de aula dele em casa e antigamente a matéria era passada no quadro-negro e depois ele explicava.

4º - Houve alguma contribuição do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo em sua formação enquanto pessoa? Sim ou não? Justifique.

Sim, ele me ensinou a ser uma pessoa honesta, de caráter, ter dignidade, e me ensinou que através dos estudos eu conseguiria ser alguém na vida.

5º - De certa forma, você acredita que o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo enquanto educador teve alguma característica marcante? Sim ou não? Descreva-a.

É, a característica dele marcante, ele sempre foi uma pessoa de caráter, honesta, sempre foi digno e foi um excelente educador. Deixou bons exemplos,

me ensinou a seguir o bom caminho, só não seguiu quem não quis né?!

6º - Ao comparar a educação na atualidade com a educação na época em que você estudou, percebe algo de significativo? Sim ou não? Justifique.

Sim, antigamente, os alunos respeitavam os professores, hoje coisa que não acontece. Há um desrespeito muito grande para com os professores da parte dos alunos. Antigamente não existia isso, havia muito respeito.

7º - Você se lembra de alguma experiência durante esse convívio com o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo que tenha sido mais significativa? Fale sobre ela.

É o que eu já falei, tudo o que eu sou, o que eu aprendi foi com ele: ser uma pessoa honesta, digna, responsável, tudo isso eu devo a ele.

ENTREVISTADO 3

1º - Em qual série o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo lhe deu aula?

Na antiga primeira série ginásial, um ano após a fundação do Ginásio (1959).

2º - Como era a relação do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo com seus alunos?

Dentro de sala de aula ele era um tanto assim sóbrio, uma pessoa mais formal, disciplinador e até algumas vezes ele era austero; já fora de sala de aula ele era brincalhão, ele era descontraído, fazia piadas, foi muito amigo e conselheiro de vários alunos e tinha um maior prazer em ajudá-los nas dificuldades em que apresentassem, é..., não apenas em história e geografia que eram as matérias que ele lecionava, mas também como ele tinha uma cultura geral grande, ele ajudava em outras matérias como matemática, dificuldades que os alunos apresentassem também em português, ele sempre foi muito solícito e muito atuante nessa parte.

3º - Como era a dinâmica das aulas do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo?

As aulas eram orais, ele usava o quadro-negro para escrever um item da matéria que ele selecionava para a dissertação, no dia da prova eram sorteados os itens, era sorteado um para que o aluno descrevesse, dava provas por escrito e bimestrais, uma a cada mês.

4º - Houve alguma contribuição do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo em sua formação enquanto pessoa? Sim ou não? Justifique.

Sim, muita. Na minha formação moral. Porque ele sempre atuou de uma forma exemplar. Primou pelos bons princípios, primou pela verdade, autenticidade das pessoas, então com isso, eu admirava essas qualidades, essas virtudes bastante fortes firmes nele, então, isso contribuiu e muito pra minha formação moral.

5º - De certa forma, você acredita que o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo

enquanto educador teve alguma característica marcante? Sim ou não? Descreva-a.

Sim, eu creio que ele foi um marco na educação do município, aceitou o convite do professor Cornélio para a fundação do Ginásio Professor Miguel Couto que pertencia a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos; o curso começou noturno, não tinha sede própria, então o atual estadual Colégio Antônio Fernandes cedeu a sede para que funcionasse esse curso ginásial e ele passou a dirigir o primeiro grau e o professor Cornélio o segundo grau. Ele como diretor e lecionando História e Geografia, como tinha o curso universitário, pode fazer um curso complementar para lecionar essas matérias. E era uma pessoa que deu muitas oportunidades no campo da educação pra alguns colegas, eu, por exemplo, passei a dar aula (risos), fui primeiro aluna dele, depois colega, e assim como ele me deu essa oportunidade de lecionar porque acreditava muito nas pessoas, ele deu também para outros colegas meus a oportunidade de começar a trabalhar dando aulas nesse ginásio. Eu comecei a trabalhar ainda não havia me formado, e foi por isso que ficou marcado esse

ponto na minha vida, porque ele acreditou no meu potencial e me colocou pra dar História na sexta série. E eu comecei então na quinta série, peguei quinta e sexta inicialmente. Depois é que ele foi passando outras séries pra eu continuar lecionando. Mas ele não fazia isso apenas comigo, ele deu essa oportunidade ao... (a fim de garantir o sigilo das identidades, não citaremos os nomes mencionados pelo entrevistado). Ele amava o trabalho dele, amava fazer isso: lecionar; e, compartilhava com outras pessoas que ele via que tinham condições de fazer um bom trabalho, dando a oportunidade de lecionarem também.

6º - Ao comparar a educação na atualidade com a educação na época em que você estudou, percebe algo de significativo? Sim ou não? Justifique.

Sim, muita diferença. Na minha época de estudante a escola funcionava como uma extensão da família. A família educava, a escola instruía educando, havia um respeito mútuo entre família/escola e havia uma grande interação, os pais estavam sempre presentes dando todo apoio necessário e os filhos

em consequência a essa atitude dos pais, eles correspondiam respeitando, acatando as normas do colégio, correspondendo bem. E, o resultado disso que a educação, o aprendizado fluía muito melhor, né?! A escola era um fator dominante na sociedade local, os alunos tinham assim o maior orgulho em participar das atividades extracurriculares, como por exemplo, desfiles cívicos, esses acontecimentos os pais davam todo apoio, tinham maior entusiasmo e os filhos idem. Todo mundo participava com maior empenho.

7º - Você se lembra de alguma experiência durante esse convívio com o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo que tenha sido mais significativa? Fale sobre ela.

Sim, foi graças ao professor Mário que foi meu diretor, professor e também depois colega que eu comecei a dar aula de História. Ele como disse anteriormente, acreditava no potencial das pessoas e explorava esse potencial no sentido de confiar a matéria, uma matéria para que a pessoa pudesse atuar lecionando em sala de aula aquela matéria. Na época o colégio tinha um desenvolvimento muito

grande, eram duas séries de quinta série, duas séries de sexta série, duas séries de sétima série, então ele podia dar essa abertura as pessoas que precisavam preencher essas vagas de forma natural tranqüila, porque não tirava a oportunidade de ninguém, pelo contrário, estava ajudando tanto aquela pessoa que ia se tornar um professor, e também aos alunos porque eram pessoas que ele sabia que ele poderia confiar, porque eram pessoas capazes de corresponder a altura do que ele esperava delas. Ele sempre primou por uma educação exemplar oferecer a melhor qualidade de ensino para as pessoas. É sempre bom a gente lembrar do período em que tivemos uma educação marcante, uma educação exemplar, posso dizer isso. Eu acho importante ressaltar a importância que o professor Mário teve como educador aqui do município. Ele foi uma pessoa que se empenhou ao máximo em oferecer aos alunos principalmente aqueles que não tiveram oportunidade de frequentar as primeiras séries escolares de alfabetização, ele começou esse trabalho gratuitamente lá na casa dele e muitas pessoas foram alfabetizadas por ele, outras preparadas para entrarem no curso ginasial. Ele fazia com a maior dedicação, ajudou muitas pessoas

inclusive quanto diretor, professor, ele percebendo dificuldades dos alunos em determinada matéria, ele combinava com aquele aluno para ir mais cedo para o colégio no dia seguinte, e ele explicava, dava as aulas também de graça, sem nada cobrar e sem nenhuma ostentação. Ele nunca falou desses trabalhos que ele fazia pras pessoas, esses benefícios, tomamos conhecimento através dos próprios alunos beneficiados e muitos deles depois do professor Mário ter falecido. Ele era uma pessoa simples e não fazia questão nenhuma de divulgar o trabalho que fazia, era por amor. Faltou outro item muito importante, antes dele começar a lecionar no ginásio Miguel Couto, anos antes já vinha dando aulas gratuitamente fazendo trabalho voluntário muito bonito no Joana D'Arc, no Centro Espírita Joana D'Arc. Lá ele atendeu várias crianças alfabetizando, eu inclusive fui alfabetizada por ele, e outras tantas pessoas da minha idade foram alfabetizadas por ele. Se tornou conhecido justamente nesse período, quando muitas pessoas da comunidade passaram a recorrer desse trabalho voluntário de dar aulas pras pessoas. Dali eu creio foi onde que o professor Cornélio seu ex-professor, deve ter tomado conhecimento, quando ele soube

que o professor Mário estava fazendo esse trabalho com a comunidade lá no Joana D'Arc ele se viu motivado a convidá-lo para fundar o ginásio aqui pertencendo a rede da Campanha Nacional de Escolas Gratuitas. Aí nasceu a oportunidade pra ele de fazer um trabalho maior dentro do município, de expandir esse trabalho abrangendo a comunidade em geral.

ENTREVISTADO 4

1º - Em qual série o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo lhe deu aula?

Ele me deu aula nas quatro séries do ginásio naquela época. Eram primeiro, segundo, terceiro e quarto ano ginásial. Ele me deu aula de 58 a 61(1958 a 1961), História e Geografia.

2º - Como era a relação do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo com seus alunos?

Ele não era uma pessoa amável, uma pessoa brincalhona, uma pessoa assim que fizesse grupo de amigos, assim, ele era um profissional excelente, competentíssimo e muito disciplinador. Sr. Mário entrava na sala de aula e você ficava lá estudando e aprendendo, porque bagunça não tinha a menor possibilidade. Mas assim, de bater papo antes da aula, depois da aula, encontrar, ele era muito reservado, não dava intimidade.

3º - Como era a dinâmica das aulas do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo?

Era muito legal, porque ele tinha um sistema de fichas e notadamente História que ele botava, ele levava a ficha, por exemplo, se ele fosse falar da independência do Peru, aí ele levava a ficha da independência do Peru; e dali tudo resumido, início, meio, final, componentes, vencedores, quantos morreram. Ele tinha todo o esqueleto da aula, e ia dando aula, mas o esqueleto estava ali. No ano que vem, no ano seguinte, ele pegava aquela ficha da aula, onde ele fosse ele levava a ficha daquela aula.

4º - Houve alguma contribuição do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo em sua formação enquanto pessoa? Sim ou não? Justifique.

Como pessoa eu acho que ele me influenciou muito nessa disciplina de você ter disciplina na vida, assim como ele dava noção de disciplina na aula, eu acho que aprendi alguma coisa. Eu como levei sempre tudo na brincadeira, mas ele dava essa noção clara de que sem disciplina você não vai conseguir nada sem determinação.

5º - De certa forma, você acredita que o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo enquanto educador teve alguma característica marcante? Sim ou não? Descreva-a.

Ele era muito austero, as coisas dele tinham que ser assim. Não podia errar tudo dele era certinho. Até a letra era toda redondinha, por ali você via, até na grafologia você via que ele era organizado, ele era muito organizado! Marcante, marcante era a austeridade. Tinha gente que tinha até medo. Bagunceiro tinha medo dele (risos). Ele dava aula em Paty, que era uma coisa pavorosa, só ia prá lá aluno filho de papai rico e que os pais não conseguiam domesticar, daí eles botavam lá pra Arcozelo, interno de militar e o Sr. Mário era um dos professores. E teve um dia que uns caras estavam conversando ele chamou primeiro a atenção, segunda atenção, ele pegou o apagador e “tiçou” [sic], no meio dos dois e passou entre as duas cabeças. Mas só assim, ali ele usava o que tinha que usar. Comigo ele nunca fez nada e nem com a nossa turma toda, nós éramos bons alunos. Nunca na minha vida ele levantou a voz, ele não era de ficar rindo batendo papo e fazendo piadas.

Mas sempre foi cordial, boa tarde, boa noite, até amanhã. Agora com quem não queria estudar era bravo e acho que essa era a contribuição dele.

6º - Ao comparar a educação na atualidade com a educação na época em que você estudou, percebe algo de significativo? Sim ou não? Justifique.

Deus me livre guarde, hoje a sala de aula é um galinheiro. Você vê as notícias nos jornais, em qualquer tipo de mídia, o professor é um “Zé Mané”. Até nas particulares é um absurdo, você pagar uma fábula de dinheiro por mês, chega lá seu filho ele quer namorar, ele quer ficar, o cara tá dando a aula e ele está no celular, com fone no ouvido e agride professor, responde professor, não tem o menos respeito. Isso aí é outro mundo, com Sr. Mário não tinha 0,1% do que é hoje, nada. Hoje é um galinheiro, uma pena, é lastimável!

7º - Você se lembra de alguma experiência durante esse convívio com o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo que tenha sido mais significativa? Fale sobre ela.

Não, experiência isoladamente não me lembro. Se eu tivesse que analisar eu diria o que eu já falei, a figura dele assim, uma pessoa extremamente organizada, competente profissional e austero, essa é a figura que ficou na minha vida. Muita organização e disciplina naquilo que você faz.

ENTREVISTADO 5

1º - Em qual série o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo lhe deu aula?

A partir do primeiro ano ginásial em 1958, durante quatro anos ficamos sobre a batuta do velho mestre saudoso.

2º - Como era a relação do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo com seus alunos?

Era uma relação de liderança amigável, então não tinha brincadeiras, mas tinha aquele ato de mostrar como era a vida de um ser humano chegando naquilo que há de melhor para viver e conviver, porque ele dava os exemplos melhores que poderiam existir. Por exemplo, ele dava o exemplo que você fazia jus aquilo que você conquistou. Colar, nunca! Eu não vi ninguém colando numa prova do professor Mário.

3º - Como era a dinâmica das aulas do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo?

Ele pegava uma ficha, saía contando a história ou o fato geográfico, ou fato histórico e nós copiávamos em nossos cadernos. O ponto era tal, então nós tínhamos que entender e explicar com nossas palavras aquilo que tínhamos entendido. Uma pessoa que só ensinava coisas boas, [lágrimas] eu me emociono porque todos nós absorvíamos com orgulho os ensinamentos dele. Fazia com que estudássemos com prazer pra saber pro mundo, edificar o ser humano para o mundo tipo Khalil Gibran Kalil : “Seus filhos não são seus filhos, a gente cria pro mundo.” E como assim ele fez e assim o fez. Sim, com muito louvor.

4º - Houve alguma contribuição do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo em sua formação enquanto pessoa? Sim ou não? Justifique.

Ele me ensinou a trabalhar em grupo, porque nós fazíamos grupo de estudo, uma turma A com outra turma B, então os alunos da turma A e alunos da turma B com as notas que tirávamos, cada turma dessa que ele dividia, ia fazendo pontos de acordo com as notas, era maravilhoso, porque a gente

trabalhava em grupo coisa que não existia aqui na época, cada um ia pra sua casa e quando tinha esses grupos nós nos reuníamos e estudávamos. Um sobrevivendo naquela matéria em função do outro, tirando dúvidas. Ele mostrando como deveria ser. Meu pai já era amigo dele no Joana D' Arc, eu nem conheci meu pai porque ele morreu antes, eu tinha dois anos, então não me lembro da fisionomia dele. Os amigos é que contavam, e ele, era um dos, o professor Mário Lopes Rêgo. Sim, porque ele era um professor que conhecia o pedigree dos alunos, nesse sentido que eu uso. Conhecia nossos parentes, conhecia nossos pais, avós, e, todos sabíamos que nas aulas dele não haveria baderna, seria foco total. Então isso marcou esse grupo de alunos que chegou no ginásio com a batuta do professor Mário.

5º - De certa forma, você acredita que o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo enquanto educador teve alguma característica marcante? Sim ou não? Descreva-a.

Honestidade, o que é seu você conquista pelo seu esforço, o ser humano tem que ter o caráter para

vencer na vida. O sentido de agregação que ele mantinha entre nós e com severidade, severo, mas com honestidade querendo o bem. Não tinha nada de raiva enquanto a isso. Era a educação, e com isso, eu me lembro que saí daqui e fui pra Brasília estudar no Colégio João Bosco e logo na primeira prova me destaquei seguindo os preceitos do professor.

6º - Ao comparar a educação na atualidade com a educação na época em que você estudou, percebe algo de significativo? Sim ou não? Justifique.

Sim, o respeito que os professores daquela época empunham, o professor Mário era um exemplo e a aceitação dos alunos, aquilo ali sendo um ato de amor e de formação para o jovem e hoje o que se vê nas salas de aula: os alunos não tem foco, não respeitam os professores, também não respeitam nem os pais. Eu acho essa a grande diferença do corpo docente e corpo discente daquela época que não tem nem tanto tempo assim, e hoje.

7º - Você se lembra de alguma experiência durante esse convívio com o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo que tenha sido mais significativa? Fale sobre ela.

Olha, acreditar que tudo é possível desde que você faça foco naquilo que quer e precisa, se ilustrando como homem no sentido de ser humano, isento de mazelas e só pensando que você só pode chegar aonde quer desde que tenha o seu foco e honestidade naquilo que você está fazendo. [lágrimas] Com sinceridade, eu me emociono quando falo dele, com ele e veja bem, ele deixou marcado, você pode perguntar qualquer aluno dele desde essa época e posterior também que embora ele não esteja hoje entre nós, o mais importante dele continua. Nós somos o fruto disso aí. Meu pai era Kardecista, dois irmãos foram alunos dele lá no Joana D'Arc e todos falam emocionados conforme agora eu estou. O dar aula era um voluntariado, nós todos filhos de classe média sem que tivéssemos cultura dentro de casa. Ele trazia a cultura pra nós, a gente não tinha [lágrimas], desculpe! Era uma coisa muito boa porque nós conhecíamos o mundo através do rádio e das aulas de História e Geografia

do professor Mário; afluentes do rio São Francisco, serra da Canastra. Hoje ninguém dá esse valor, é uma fortuna que ninguém tira. Teve uma vez que ele falou: “O dinheiro se bobear na primeira geração acabou, mas cultura e instrução ninguém retira.” Eu uso isso, a cultura é a grande fortuna que nós temos. Ele foi e é uma figura ligada a educação que sempre demonstrou carinho pela nossa cidade. Deixou e deixa pra nós desta cidade que poucos terão condições de suplantá-lo.

ENTREVISTADO 6

1º - Em qual série o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo lhe deu aula?

O professor Mário me deu aula do primeiro ano ao quarto ano do ginásial na nossa época, de 1966 a 1969. Ele me deu aula de História e Geografia. O meu primeiro contato com o professor Mário quando eu vim de Avelar, porque eu fiz o curso primário em Avelar e vim pra Miguel Pereira pra fazer o curso ginásial. O curso de admissão eu não fiz, ele me fez uma prova oral pra ver qual era o meu nível pra ver se eu podia entrar mesmo pra primeira série do curso ginásial. E nessa eu fiz uma prova e ele com aquela coisa que já despontando na gente, o espírito de que a gente sempre estudasse muito, que fosse sempre o melhor.

2º - Como era a relação do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo com seus alunos?

De muita amizade, de muito incentivo, ele emprestava livros pra gente pra que a gente estudasse além daquilo que ele dava em sala de aula

e era uma pessoa muito amigável. E eu que particularmente éramos vizinhos, a gente estudava à noite e às vezes papai não podia ir me pegar, a gente ia com o professor Mário a pé, ele me deixava em casa e depois seguia pra casa dele.

3º - Como era a dinâmica das aulas do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo?

Eu estudei com o professor Mário de 1966 até 69, e, não era uma coisa muito ilustrativa, mas ele fazia com que fosse. Por exemplo, em Geografia a gente fazia os mapas para estudo, então quando a gente estudava as serras, fazia o mapa em papel manteiga desenhava toda a serra em verde. Depois, no ano seguinte quando a gente ia estudar hidrografia, já era tudo em azul. Então, no final das contas a gente ficava com aquele mapa belíssimo colorido com as serras verdes, os rios em azul, então, era um estímulo também até um pouco pro lúdico, que ele com os poucos recursos que existia na época, fazia com que a gente também visse o lúdico nisso.

4º - Houve alguma contribuição do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo em sua

formação enquanto pessoa? Sim ou não? Justifique.

Muita, muita coisa que o professor Mário que além de professor era diretor do ginásio, era uma pessoa muito dedicada tanto ao incentivo profissional, ele procurava ver da gente quais as matérias que a gente mais gostava, ele dava aula de História e Geografia, eu sempre quis fazer engenharia e gostava muito de Matemática e ele incentivava muito. Então, o professor Mário foi uma das pessoas muito importante que teve na minha vida de estudante no ensino básico pra que eu me formasse em Engenharia.

5º - De certa forma, você acredita que o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo enquanto educador teve alguma característica marcante? Sim ou não? Descreva-a.

Essa coisa dele da amizade, de ver o potencial de cada um. O professor Mário tinha essa característica: ele incentivava muito, incentivava também quem não estudava muito, que a pessoa puxasse por aquele que não estudasse muito. Ele

era uma pessoa fantástica, muito bacana! Muito sério, uma pessoa muito séria, muito dedicada a vida dele, ao ensino nem se fala. Pra mim, eu penso em professor Mário eu penso em exemplo de seriedade.

6º - Ao comparar a educação na atualidade com a educação na época em que você estudou, percebe algo de significativo? Sim ou não? Justifique.

Percebo sim, eu acho que hoje tem muita facilidade e acho que menos conteúdo. Nós tínhamos naquela época mais conteúdo e menos recursos tecnológicos, etc, mas, com poucos recursos, a gente fazia muita coisa. Fazia muitas pesquisas em livros, em enciclopédias, era o que a gente dispunha. Nós mesmos, que não tínhamos muito recurso, nós pesquisávamos nas enciclopédias de quem tinha, o professor Mário dava as diretrizes pra gente, pra que agente fosse aos lugares que pudéssemos encontrar mais recursos pra isso.

7º - Você se lembra de alguma experiência durante esse convívio com o professor Mário

Vasconcellos Lopes Rêgo que tenha sido mais significativa? Fale sobre ela.

Eu apostei com o professor Mário que eu ia ganhar a medalha de ouro na quarta série, ele ria. Eu ganhei a medalha de ouro, e quando era entregue a medalha de ouro, que era na formatura da gente, eu peguei minha medalha mostrei e falei pra ele: “Não falei pro senhor que eu ia ganhar?”; ele me deu um beijo na testa. De ser boa estudante, de saber estudar, gostar de estudar e gostar daquilo que faz; ele sempre foi uma pessoa crítica no bom sentido, pra esse legado que ele deixou, pra ser bom estudante, de ter essa firmeza em estudar.

ENTREVISTADO 7

1º - Em qual série o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo lhe deu aula?

A partir da segunda série, segunda, terceira e quarta série do ginásio de 1966 a 1968.

2º - Como era a relação do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo com seus alunos?

Uma relação muito franca, e ao mesmo tempo que protetora, era também uma relação de cobrança, ele tinha característica de apoiar o aluno mas ao mesmo tempo era extremamente exigente. O que foi muito bom em nossa formação porque nós éramos garotos né?! Jovens, enfim, e, no momento em que o mundo todo estava numa transformação, um momento de desafio da juventude, né? E ele era um freio nessa situação. Muitos colegas nossos até que já faleceram tiveram por parte dele uma formação pra sair de determinadas situações e se tornar engenheiro, médico, enfim, e pessoas que eram extremamente levados naquela época. Ele tinha esse lado de pulso no processo, mas ao

mesmo tempo era uma pessoa preocupada com seu entorno o tempo inteiro, como se os alunos fossem pintinhos que ele tivesse tomando conta. Essa é a imagem que ficou! É, essa forma que ficou, a forma dele agir!

3º - Como era a dinâmica das aulas do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo?

Olha, excelente! Sobretudo quando fala de Geografia. Porque na parte da História ele sempre foi sempre muito pesquisador, procurava colocar as dissertações que nós éramos obrigados a fazer pra ter aquele conhecimento, enfim, mas, na área de Geografia ele se destacou profundamente. Eu me formei em Engenharia Civil, me especializei em recursos hídricos, trabalho há quarenta anos nessa área de recursos hídricos, sou consultor até hoje, com 67 anos ainda trabalho nessa área, fui professor durante 30 anos da Agência Nacional de Águas no Ministério do Meio Ambiente na Amazônia. E tudo com muito apoio do que eu aprendi com ele em Geografia, porque ele colocava a aula de uma maneira prática, nós éramos obrigados a fazer os mapas, então você tinha que

conhecer todas as serras, os rios, os nomes dos rios, quem era afluente de quê, é, qual é o potencial de cada região daquela, né? E, aquilo me facilitou extremamente na minha profissão. Porque eu trabalhei no país inteiro: São Francisco, fiz o plano diretor do Tocantins Araguaia, fiz o plano do diretor dos rios do Estado de Sergipe, o rio Paraíba do Sul que era um desafio enorme, fui o coordenador do plano diretor. E tudo isso veio dessa memória do professor Mário, porque nós passávamos às vezes noites, nós éramos garotos e passávamos noites trabalhando até de madrugada pra conseguir fazer os mapas, desenhava as serras, os rios, enfim, e, era uma guerra porque nós não tínhamos computador na época, tudo era a mão. Nós usávamos muito papel seda, e depois tinha que pegar um lápis de cor, raspar o lápis pra poder com o algodão dar cor a cada imagem que você queria ressaltar naquele trabalho. Isso me fez ter um amor muito grande pelos rios, pelas matas, pela parte da floresta, das montanhas, isso, facilitou extremamente tudo o que eu fiz na vida profissional até aqui. Por outro lado, ele é, dentro do seu aspecto da exigência, você levava o melhor, mas ele: “mas podia ter melhorado um pouquinho

aqui.” [risos]. Então era um desafio pra gente! Ele já incentivava a concorrência entre os alunos, o desafio de cada um apresentar o trabalho melhor. Ele provocava essa disputa de forma saudável no interesse de ver os alunos crescendo. Então todo mundo foi crescendo. A medalha me foi entregue em um baile no Clube como sendo o melhor aluno do Ginásio. Sempre com um desafio de você conhecer além daquilo que ele estava falando, ele me deu uma coleção histórica, o entorno da história do mundo antigo, e eram 13 volumes. Ele me dava o volume, eu lia e depois me chamava na sala dele e me fazia várias perguntas sobre aquele volume. Eu tinha lido tudo, sabia tudo e ia respondendo. Então ele falava: “Você já pode ler o segundo volume.” [risos]. Eu li os trezes volumes, e aquilo ali me ajudou muito na minha formação de conhecimentos. Aquilo foi ampliando a minha visão, o fato da importância de ler, de você que através de um livro você pode se transportar, não precisa viajar ao local, você pode chegar ao local pela leitura, isso foi muito importante! Por outro lado, da geografia, essa forma ativa, de você mapear tudo e não deixar tudo na escrita, isso foi uma dinâmica muito boa porque era interessante,

porque a gente gostava, porque já no final queria mostrar o mapa. Então você não estava só lendo um livro pra poder gravar aquilo ali e ficar na sua memória, mas sim apresentando um trabalho. Era dinâmico, isso foi muito bom!

4° - Houve alguma contribuição do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo em sua formação enquanto pessoa? Sim ou não? Justifique.

Total! Quando nós terminamos a quarta série do Ginásio, aqui em Miguel Pereira não existia o 2° grau. Tinha uma parte da Contabilidade, mas pra você fazer Engenharia, você tinha que seguir pra um 2° grau que desse esse suporte. Aí, eu não tinha como sair de Miguel Pereira sem suporte, sem recurso. Então, ele procurou o senhor Djalma Gama Filho, que era irmão do dono da Gama Filho do RJ, conseguiu uma bolsa de estudos pra eu poder fazer a faculdade.

5° - De certa forma, você acredita que o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo

enquanto educador teve alguma característica marcante? Sim ou não? Descreva-a.

Marcante tanto no sentido da autoridade, e de ser um homem extremamente sério e trazer isso pra sala de aula, citando exemplos, o que ele já tinha visto na vida, os lugares onde ele havia trabalhado, o que já havia acontecido, dando lições. Enfim, isso tudo eu aprendi com ele! Ele disse que nunca se omitiu, que ele sempre foi um homem de fazer as coisas, de falar.

6º - Ao comparar a educação na atualidade com a educação na época em que você estudou, percebe algo de significativo? Sim ou não? Justifique.

Totalmente! Naquela época, tinha a falta de instrumentação, mas nós tínhamos grandes professores ao longo de nossa trajetória! Hoje a gente vê que a pessoa entra pra passar e não pra aprender. Quer dizer, é uma diferença muito grande! Na nossa época, nós queríamos aprender. O interesse não era só passar de ano, o interesse era saber, nós tínhamos que saber, era uma vontade

nossa de crescer. É muito diferente hoje! Começa pela internet, a pessoa vai fazer uma mensagem e começa a abreviar tudo pra ficar mais rápido pra escrever. Se você olhar o Português está todo errado! Mas o que interessa pra ele hoje é transmitir rápido uma informação, então ele não tá preocupado se aquilo está escrito de uma maneira correta e isso vicia as pessoas. A garotada começa desaprendendo. Na Matemática, ninguém checa o que faz. Ninguém hoje consegue mais fazer uma conta de cabeça e isso está ocasionando um problema sério na engenharia nossa. Ao mesmo tempo em que você evoluiu muito na facilidade e diminuição do tempo, você perdeu a capacidade de verificar se aquilo que você fez tá bom, se está correto.

7º - Você se lembra de alguma experiência durante esse convívio com o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo que tenha sido mais significativa? Fale sobre ela.

Tem um fato de um grande amigo nosso que já faleceu... (a fim de garantir o sigilo da identidade mencionada utilizaremos a letra X para identificá-

lo), que foi um exemplo de como o professor Mário foi importante em nossas vidas e como ele fez surgir um homem totalmente diferente do que era. Era muito levado, muito bagunceiro, não obedecia a nada e nem a ninguém, e não gostava de estudar. Mas o professor Mário primeiro chegou duro em cima dele, duro mesmo pela seriedade. Ele sabia dar um sermão e depois passar a mão na cabeça, dizendo você vai melhorar! Ele foi convencendo X, não deixando de ser duro o tempo inteiro, mas conversando, enfim, e formou um homem de uma beleza não só como pessoa humana no convívio com a gente, mas um profissional de mão cheia, um homem que passou a adora estudar. Fez a Engenharia, fez a faculdade de Matemática e depois fez pós-graduação em Matemática e foi um professor maravilhoso que nenhum de nós acreditava no início porque ele não gostava de estudar. O professor Mário fez ele gostar de estudar, então isso foi pra mim um exemplo de professor no sentido mais profundo da palavra, é., mais nobre que eu vi. Concluiu o entrevistado com um depoimento pessoal (o maior legado deixado): Foi de não desistir de nada, sempre lutar pela vida, sempre com muita

seriedade, de acreditar em mim. E tudo vem dessa seriedade, dessa busca pela verdade, dessa vontade de fazer. Nós tivemos um exemplo muito forte de meu pai e de minha mãe, foram pessoas muito importantes na minha vida, mas tive no professor Mário um rumo, porque ele me ajudou, me projetou e me colocou aonde eu jamais podia imaginar que conseguiria chegar, e tudo na conversa e na aula como professor. Prá mim é uma imagem assim muito bacana e um prazer enorme de poder estar falando isso pra você! [lágrimas] Me deixa muito feliz! [lágrimas].

ENTREVISTADO 8

1º - Em qual série o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo lhe deu aula?

A partir do admissão até o final do ginásio na década de 60.

2º - Como era a relação do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo com seus alunos?

Era de amigo, mas muito séria, muito dosada, empunha muita disciplina, isso!

3º - Como era a dinâmica das aulas do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo?

Ele trazia nas fichas e passava no quadro e gente copiava as redações. Ele era bravo com a gente pra caramba! Ele exigia muito da gente! Às vezes a gente se atrapalhava pra copiar e ele: “Anda pessoal, anda!”. Mas sempre naquele tom de paizão, né?!

4º - Houve alguma contribuição do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo em sua formação enquanto pessoa? Sim ou não? Justifique.

O que aconteceu? [lágrimas], as meninas iam mais cedo para ficar andando na rua, coisas de adolescente, né?! E ficavam andando e às vezes chegavam tarde, assim, quase em cima da hora na sala, e eu sempre vinha de casa e entrava. Daí ele falava assim: “Isso mesmo. Não seja vassourinha. Seja sempre assim minha filha. Mantenha os horários, sempre chegue antes 15 minutos e não se misture com o que você acha que não tá certo. Você é uma menina nova, guie isso para a sua vida. Seja sempre cumpridora de seus deveres.” Ele chamava de vassourinha porque elas ficavam do lado pro outro naquela fase de adolescência, querendo namorar, então, isso valeu para a minha vida toda. Quer dizer, isso é coisa de pai, não é de professor, né?! De paizão!

5º - De certa forma, você acredita que o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo

enquanto educador teve alguma característica marcante? Sim ou não? Descreva-a.

Ele educava de todas as formas, como pai, como mestre, como tudo. Ele era um amor, eu adorava o professor Mário! Eu aprendi muito com ele! Sim, ele era rígido, mas sempre com o intuito de te fazer melhor.

6° - Ao comparar a educação na atualidade com a educação na época em que você estudou, percebe algo de significativo? Sim ou não? Justifique.

Não tem nem comparação, né?! O professor entrava e a gente ficava de pé, maior silêncio, maior respeito, maior consideração que os alunos tinham por eles e eles se faziam respeitar, não tem nem comparação com a educação de hoje.

7° - Você se lembra de alguma experiência durante esse convívio com o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo que tenha sido mais significativa? Fale sobre ela.

Eu me lembro dele acolhedor, não gostava que ninguém ficasse no corredor, se tivesse alguém no corredor e ele dando aula, ele ia pra porta e não falava nada, ele ia pra porta e as pessoas naturalmente saíam, era um respeito a ele, uma coisa fora do comum, muito!

ENTREVISTADO 9

1º - Em qual série o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo lhe deu aula?

Na época era chamado de quinta série e sexta série no ginásio em 1976.

2º - Como era a relação do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo com seus alunos?

Ele era extremamente bondoso e enérgico. Era muito enérgico e muito bravo, entendeu?! Tinha todo mundo muito medo dele [risos]. Por ele ser enérgico quando ele chegava acabou a fofoca, não tinha um barulho, não tinha mais nada. Ele queria que a gente se formasse enquanto pessoa, que a gente tivesse educação, sabe, não era por maldade porque ele era muito bom. Só era enérgico, não gostava muito de brincadeira, de falta de educação, essas coisas.

3º - Como era a dinâmica das aulas do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo?

Ele passava a matéria no quadro e agente copiava. Depois ali, explicava, entendeu?! E tinha umas dissertações que eram o terror pra gente [risos], porque nós tínhamos que decorar aquilo. Ele dava questionário, ele mandava fazer fichamento e levar na aula seguinte. Ele achava que a gente tinha mais é que estudar porque a gente não fazia nada, tinha mais é que estudar mesmo! Era muito difícil!

4º - Houve alguma contribuição do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo em sua formação enquanto pessoa? Sim ou não? Justifique.

Sim, houve, a coisa mais linda do mundo era ele dar valor a tudo isso. Da educação, em si, de tudo! O amor pela educação, por ser professor! [lágrimas]. Eu amava o professor Mário! Então, eu tinha um medo danado, eu tenho essa coisa com o livro, com cadernos, eu sempre fui muito organizada com essas coisas por conta dele. De fazer planejamento, porque hoje sou professora também. De lembrar dele, de ter alguma coisa legal pra passar e de ter esse carinho. Eu tinha muito medo que ele me chamasse e dissesse que eu era ladra do meu pai

por não estar estudando, eu tenho muita gratidão por isso, coisa que os alunos não tem hoje! Eles não tem carinho por livro.

5° - De certa forma, você acredita que o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo enquanto educador teve alguma característica marcante? Sim ou não? Descreva-a.

Sim teve! A bondade dele! Mesmo! Porque ele era bravo que nem o sei o quê, mas na hora que precisava ele era extremamente bondoso. Sempre foi! Muito!

6° - Ao comparar a educação na atualidade com a educação na época em que você estudou, percebe algo de significativo? Sim ou não? Justifique.

Sim, naquela época o carinho com o professor, o respeito, nada disso eu acho que tem hoje, é muito difícil! Todos esses professores mais antigos e mais rígidos eram bondosos e ele era um doce.

7º - Você se lembra de alguma experiência durante esse convívio com o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo que tenha sido mais significativa? Fale sobre ela.

Eu era mole e não sabia se eu prestava atenção ou se eu copiava, então, ele ficava com pena de mim e emprestava pra copiar o caderno dele, eu tive que levar. Depois quando eu tive catapora. A minha turma era terrível e estava dizendo que eu estava com uma doença contagiosa, daí ele falou: “É contagiosa sim e por isso ela vai fazer prova na minha sala e vocês que não podem chegar perto dela porque vocês que vão contagiá-la.” E, encerrou o assunto, foi todo mundo pra sua sala.

ENTREVISTADO 10

1º - Em qual série o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo lhe deu aula?

Ele me deu aula nas quatro séries que eram equivalentes ao ginásial em 1958.

2º - Como era a relação do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo com seus alunos?

Era totalmente diferente de hoje a relação de aluno e professor. Ao mesmo tempo em que a gente tinha liberdade pra falar com ele, havia uma separação, não é como hoje que o aluno responde o professor de qualquer maneira. Ficava subtendida assim uma hierarquia, respeito, mas sem medo. Era uma relação assim, no caso do professor Mário, ele tinha autoridade, mas não era autoritário, era bem respeitado com certeza!

3º - Como era a dinâmica das aulas do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo?

Ele dava o resumo que estava na ficha. Ele já vinha com o resumo, ele explicava, o conteúdo era ditado. Naquela época a gente praticamente não tinha livros, né? A gente sentia que ele tinha conhecimento da matéria, a gente sentia que ele sabia mesmo. Ele levava pronto e explicava pra gente e quando a gente ia estudar aqueles itens e resumo, a gente já entendia a matéria porque ele já tinha explicado antes, e esse conhecimento ficou. Naquela época, ele já fazia umas provas com dissertação, que hoje os professores tem dificuldade porque os alunos têm dificuldade de ler e depois passar pro papel. Toda prova tinha uma dissertação.

4º - Houve alguma contribuição do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo em sua formação enquanto pessoa? Sim ou não? Justifique.

Com certeza, vamos dizer, a personalidade dele forte, a condução dele na turma, a disciplina, com certeza me marcou e acho que marcou o resto da turma também. Eu acho que toda a personalidade dele, a maneira dele ensinar, pra mim pessoalmente

me marcou mais porque nós éramos seis irmãos na minha casa, então ele deu aula pra todos. E todos tinham admiração. Teve um ano que a minha irmã fez um cartão do dia do mestre e enviou pra ele com a assinatura de todo mundo da minha família. Marcou minha vida de aluna, de professora e de pessoa com certeza!

5º - De certa forma, você acredita que o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo enquanto educador teve alguma característica marcante? Sim ou não? Descreva-a.

Eu acho que a principal característica dele era essa disciplina, essa organização, acho que dessa forma que ele marcou pra todos nós. Foi o que eu disse a você, ao mesmo tempo em que ele tinha autoridade ele não era autoritário. Ele fazia com que o aluno admirasse o professor.

6º - Ao comparar a educação na atualidade com a educação na época em que você estudou, percebe algo de significativo? Sim ou não? Justifique.

Eu acho que sim. Bastante! O conteúdo que foi dado pra gente ficou bastante. Até hoje eu me lembro de certos conteúdos e eu vejo que hoje em dia os alunos tem mais quantidade de conteúdo, mas eu acho que não fica como ficava antes. Vejo também a diferença de aluno professor. A gente tinha uma admiração, um respeito, eu acho que era bem diferente mesmo!

7º - Você se lembra de alguma experiência durante esse convívio com o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo que tenha sido mais significativa? Fale sobre ela.

Olha, me lembro de várias coisas com ele! Teve uma época que ele dirigiu a escola. Ele tinha assim, uma preferência por aquele aluno que estudava. Eu me lembro que esqueci minha caderneta e ele me deixou entrar. Na próxima vez que esqueci ele sem se alterar em nada, disse: “Vá em casa e pegue.” Aquilo marcou pra mim, achei interessante porque ele me ensinou. A primeira vez ele foi condescendente comigo, né? E na segunda ele não perdoou, mas não fez alarde nenhum, nunca mais eu esqueci a caderneta. Muita admiração, saudade!

Obrigada pela oportunidade por passar pra outra geração o que ele foi.

ENTREVISTADO 11

1º - Em qual série o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo lhe deu aula?

Foi no ano de 1971 quando eu fui pra quinta série que eu passei da admissão pro ginásio. Ele me dava aula de História e de Geografia no CNEC, numa escola que existe até hoje, mas na época ele era localizado onde é o Grupo escolar Antônio Fernandes. Então eles usavam a noite para dar aula no CNEC que na época era de quinta à oitava série.

2º - Como era a relação do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo com seus alunos?

Muito boa! Apesar de ele ser uma pessoa muito ética, muito sério, ele pra gente parecia um super herói, porque ele era assim muito grande, e a gente era muito pequeno. Ele era muito bom com a gente. Muito educado, muito gentil, puxava nossas orelhas sim, mas ele era muito bom e excelente professor!

3º - Como era a dinâmica das aulas do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo?

Me lembro até hoje, que ele tinha um caderninho de ponto, passava no quadro e botava o óculos aqui na ponta do nariz e nós nunca sabíamos se ele tava olhando pra gente ou pra folha do diário [risos]. A gente ficava na dúvida e ficava quietinho na sala, pra quê ele tava olhando, quem ele ta vendo? [risos], mas aula dele era muito boa, eu aprendi pra caramba! Tinham as dissertações, apesar das perguntas da prova, ele botava uma dissertação pra gente dissertar sobre um assunto qualquer. Ele preparava o ponto em casa, não tínhamos o livro de História e de Geografia, então ele preparava tudo no caderno e explicava pra gente; explicações de tudo: das guerras, do que ele estava falando no momento histórico, geográfico, ele explicava tudo pra gente! A gente perguntava, ele respondia e tinha depois um questionário que a gente tinha que fazer pra entender bem a matéria.

4º - Houve alguma contribuição do professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo em sua

formação enquanto pessoa? Sim ou não? Justifique.

Claro que houve! Acho que o comportamento que eu tenho, que outros que estudaram com ele tem, foi devido ao jeito dele muito centrado, muito ético, brando mais puxando sua orelha, chamando a sua atenção mostrando pra você os prós e contras. Professor que teve alguma formação pelo menos pra mim foi ele pelo jeito dele, que a gente sai copiando pra gente ser um pouquinho parecido.

5º - De certa forma, você acredita que o professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo enquanto educador teve alguma característica marcante? Sim ou não? Descreva-a.

Sim, a seriedade dele, a ética, o comportamento dele conosco, pra falar conosco, pra nos chamar atenção, pra brincar com a gente, ele sempre tinha alguma coisa doce no meio. Ele tinha muito carinho, acho que ele gostava de lecionar, acho que aquilo ali era a vida dele.

6° - Ao comparar a educação na atualidade com a educação na época em que você estudou, percebe algo de significativo? Sim ou não? Justifique.

Mudou muito com o respeito que hoje já não existe mais, não estou dizendo 100% ta?! Mas uma parte já não há aquele respeito que nós tínhamos por eles hoje em dia já não existe tanto. A didática também mudou bastante, hoje em dia é mais simples de trabalhar, de passar a matéria. Antes, era bem mais difícil, mas nós conseguíamos entender. Acho que por isso nós somos um pouquinho diferentes hoje em dia. A gente consegue captar qualquer coisa, buscar, porque a gente pesquisava muito. Por exemplo, você ia trabalhar os rios da Amazônia, nós montávamos o mapa. A gente ia trabalhar as serras, vocês vão preparar os mapas das serras. Então a gente aprendia! Até hoje eu lembro direitinho dos mapas, dos afluentes do Amazonas. Eu vejo direitinho! Era muito legal! Eu achava muito bom isso, sabe?!

7° - Você se lembra de alguma experiência durante esse convívio com o professor Mário

Vasconcellos Lopes Rêgo que tenha sido mais significativa? Fale sobre ela.

A convivência com ele pra mim trouxe seriedade, levar a sério aquilo que ele explicava. A seriedade com que você tratava o estudo, como você levava a sua vida estudantil. Então eu acho que isso ele ajudou muito a gente! A minha instrução o que eu sou hoje. Eu agradeço ao ginásio, ao Sr. Mário, ao comportamento dele, o que ele passou pra mim. Aqui era uma cidade pequena e todo mundo se conhece e todo mundo conhecia o professor Mário. Então eu acho que ele deixou muito, ele deixou o que eu sou. Valores que eu tenho! Claro que recebi valores da minha família, mas que foi complementado por ele ali dentro, no comportamento dele quando ele nos chamava para puxar nossa orelha, naquelas coisas todas que havia né? Porque ele era o diretor e o companheiro. Ele era o que a gente procurava quando precisava. Eu me lembro muito bem dele! Queria agradecer a você que me deu oportunidade de falar de um professor meu de anos que foram quatro anos, quer dizer, ele me viu pequenininha, me viu já grande, e tava lá na minha formatura de oitava série na época

que foi no Miguel Pereira Atlético Clube! Ele não contribuiu só prá mim não, só a minha turma tinha trinta e poucos, imagina todas as outras turmas? Ele contribuiu muito para o progresso da cidade, pros alunos! A gente relembra tudo que aconteceu naquele ginásio, gente! Parece que tá aqui tudo aqui acontecendo! Muito obrigada!

Anexos

ANEXO 1 - Certidão de Casamento de Mário e Cenyra.


Permínio de Carvalho Astora
 Oficial do Registro Civil das Pessoas Naturais do 9.º Circunscrição, S.T. 2.º
 Freguesia de São Cristóvão, Rua Euclides da Cunha, 81, Torre 26-A/27
 CIDADE DO RIO DE JANEIRO — Estado da Guanabara
 Substituto: MURILO DE SOUZA ASTORA

Certidão de Casamento

CERTIFICO e dou fé que do livro n.º _____ de casamentos, a folhas _____ (81)
 sob o n.º 8810 consta que no dia VEINTE de MAIO de 1955
 às 11 horas e _____ minutos perante o Juiz Dr. PAULO PAULA
DA CUNHA e as testemunhas ANTONIO
LUIZ FERREIRAS E ARTHUR LOPES RAGO e as testemunhas _____
 sob o regime da _____ de _____
 receberam e em matrimônio _____ ANTONIO LOPES RAGO COM CENYRA
DA SILVA
 Ele, estado civil _____
 profissão _____ EMPREGADO MUNICIPAL
 nascido em _____ ESTADO DE ALAGOAS em _____ CITO
 de _____ DEZEMBRO de 1911 filho de ARTHUR LOPES RAGO E DE LUCILA
FERREIRA LOPES RAGO
 e residente _____ RUA MARATA BARRIO, 502
 Ele, estado civil _____ SEPARADA
 profissão _____ DOMESTICA
 nascida em _____ ESTADO DE SÃO PAULO - BARRIO PRETO em _____ DOIS
 de _____ MAIO de 1917 filha de PEDRO ANTONIO DA SILVA E DE
ANTONINA ANTONIA DA SILVA
 e residente _____ RUA POTARI, 80 - VILA MARLIA E.S. PAIZO
 A contraente passou a adotar o nome de _____ CENYRA LOPES RAGO

Fonte: a própria autora.

ANEXO 2 - Ata do dia 30 de julho de 1944, p.
1/2.

Ata da segunda reunião da diretoria do Centro Espírita Joana D'Arc, «Amor e Luz», eleita e empossada em trinta de Julho de mil novecentos e quarenta e quatro, realizada em sua sede social na localidade de Professor Miguel Pereira, em treze de Agosto de mil novecentos e quarenta e quatro. As nove horas e trinta minutos, presente número legal de diretores, foi aberta a sessão e feita a prece inicial pelo irmão Manoel Coelho Carraço. O presidente, em seguida, pede aos demais diretores que assinem o «Compromisso» que todas as Associações adesas, à Federação Espírita Brasileira, assumem ao se filiarem a mesma, e que é renovado quando da mudança de diretoria. Uma vez cumprida esta formalidade, o presidente declara que, atendendo a uma intimação da polícia, irá a Vassouras no dia quatorze, do corrente mês, apresentar o alvará fornecido pela Delegacia Regional, deste Município. Pede, em seguida, ao segundo secretário que tome, junto as autoridades competentes, na cidade de Niterói, as devidas informações para se tirar a licença para o funcionamento do Ambulatório Joan-

Fonte: Centro Espírita Joana D'Arc.

Ata do dia 30 de julho de 1944, p. 2/2.

na d'Arc e satisfazer, assim, as exigências da Saúde Pública do Estado do Rio. Logo após, o segundo tesoureiro, presta contas de suas atividades junto ao primeiro tesoureiro, o que ainda não tinha sido feito por se verificar um pequeno engano na escrituração do Livro Caixa do Centro. Feito um balancete rubricado pelo presidente, o primeiro tesoureiro assumiu suas funções. Nada mais tendo a tratar, foi feita a prece de encerramento precisamente as dez horas e trinta e cinco minutos. Eu, Mario Vasconcellos Lopes Rego, secretariando os trabalhos desta sessão, larei, rubricarei e assinarei esta ata para que produza todos os devidos e legais efeitos. Professor Miguel Pereira, em 13 de Agosto de 1944. Mario V. Lopes Rego.

Aprovada a redação desta ata, integralmente, em 3 de Setembro de 1944.

Presidente: *Arthur Lopez Rego*.

1º Secretário: *Mario V. Lopes Rego*

2º Secretário: *Evair Wain*

1º Tesoureiro: *Aucelio Barcellos*

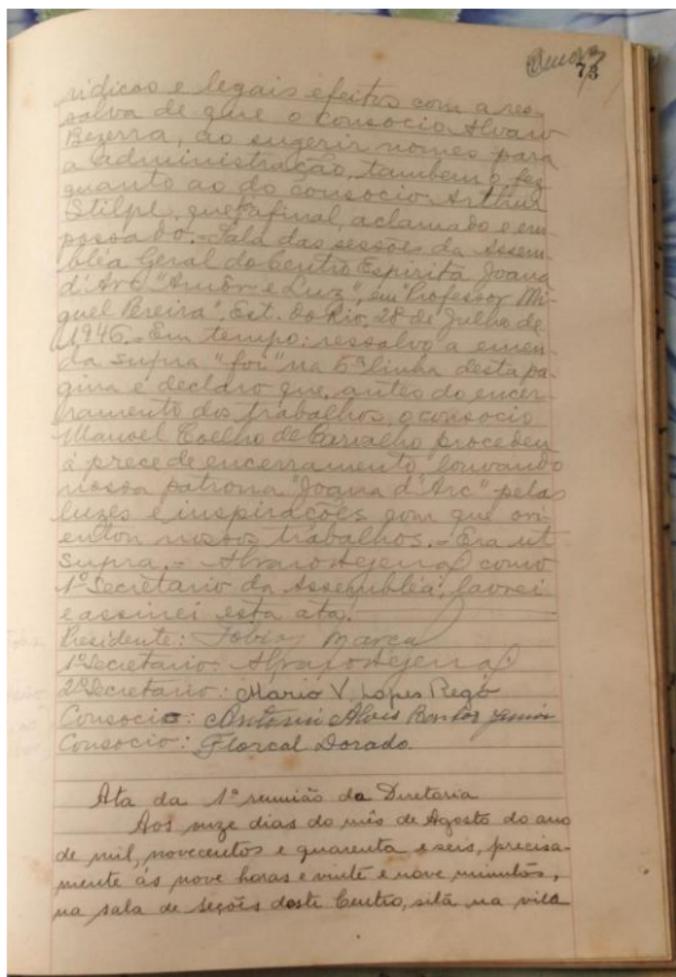
2º Tesoureiro: *Dario Honorio Hernandez*

Bibliotecario: *Maryna J. R. Marques*

D.T. Espirituais: *Chaoune Coelho de Carvalho*

Fonte: Centro Espírita Joana D'Arc.

ANEXO 3 - Ata do dia 11 de agosto de 1946, p.
1/3.



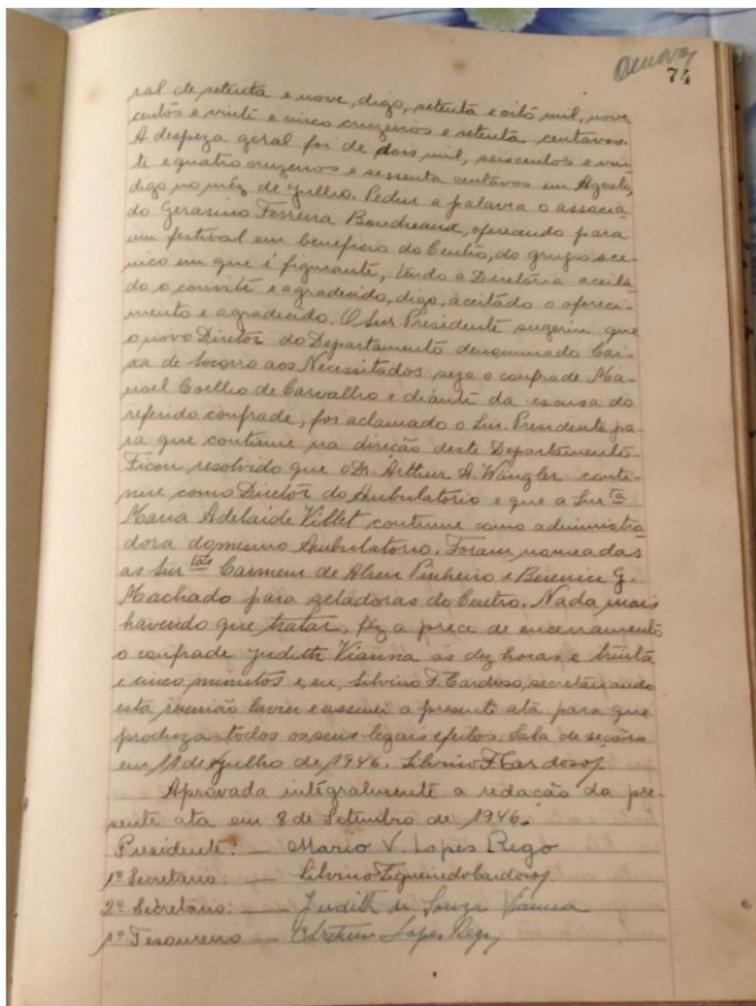
Fonte: Centro Espírita Joana D'Arc.

Ata do dia 11 de agosto de 1946, p. 2/3.

de Miguel Pereira, no Estado do Rio de Janeiro, foi dada a palavra ao sr. Manoel Coelho de Carvalho, para que fizesse o preceitual, da primeira reunião da reunião ebóica e suspensa em 28 de julho do corrente ano. Em seguida pediu a palavra o Sr. 1.º Tenente, para propor que sejam aprovados os atos do Sr. procurador da Diretoria passada, Antunes Luiz Fernandes, no 1.º Congresso das Associações Espíritas do Estado do Rio de Janeiro e lamentar que o referido Sr. não quisesse continuar como Diretor deste Centro. Esta proposta foi aprovada por unanimidade de votos. Com a palavra ainda o Sr. 1.º Tenente para esclarecer que o assento de matrícula nº 92 Sr. Gerardo Ferreira Bandeira, não sendo encontrado na época em que esteve com a proposta, careçam a pagar de agora em diante. Com a palavra ainda o Sr. 1.º Tenente, ao conhecimento da Diretoria, que recebeu a importância de seiscentos cruzeiros de capitalização, cento e vinte cruzeiros de juros e oito cruzeiros de bonificação da Alanca do Bar, cuja apólice fora substituída pela saudosa irmã Inês de Almeida. Também pediu o Sr. 1.º Tenente que fossem lançados em ata os seguintes saldos para o mês de agosto: Centro - quatro mil, cento e trinta e quatro cruzeiros e dez centavos; Campanha pro Barão X: quarenta mil, quatrocentos e quarenta e dois cruzeiros; Campanha pro Escola: mil e oito mil, seiscentos e quarenta e quatro cruzeiros e vinte centavos; Livraria: quinhentos e noventa e três cruzeiros e trinta centavos; Banca de Socorro aos Necessitados: três mil, trezentos e quarenta e oito cruzeiros e trinta centavos; Ambulatório: mil, setecentos e sessenta e três cruzeiros e oitenta centavos e o saldo ge-

Fonte: Centro Espírita Joana D'Arc.

Ata do dia 11 de agosto de 1946, p. 3/3.



Fonte: Centro Espírita Joana D'Arc.

ANEXO 4 - Homenagem aos 90 anos da
instituição ao referido professor.



Fonte: Centro Espírita Joana D'Arc.

ANEXO 5 - Documentos de cursos de especialização em História e Geografia.

Frente



Fonte: Acervo Familiar.

Verso

Disciplinas		Ciclo
Geog. Geral e do Brasil		1º
-	-	-
-	-	-
-	-	-



Obs. p/o Est. do Rio de Janeiro, exceto onde haja F. de Filosofia.

Disciplinas		Ciclo
Hist. Geral e do Brasil		1º
_____		_____
_____		_____



Obs. Para o Estado do Rio de Janeiro, exceto locais onde houver Faculdade de Filosofia.

Fonte: Acervo Familiar.

ANEXO 6 - Jornal Regional, nº 61, p. 15, 27 nov. 2015.

10

Sebastião Deister Professor Historiador Escritor

Filho do Comandante da Marinha Arthur Lopes Rêgo e de D. Lucia Vasconcelos Lopes Rêgo, Mário Vasconcelos Lopes Rêgo nasceu em Macaé, Alagoas, no dia 7 de setembro de 1917.

Vindo estudar no Rio de Janeiro, o jovem Mário concluiu com brilhantismo o segundo grau e logo ingressou na Faculdade de Medicina, seu mais caro sonho de vida. Cursava o 9º ano e fazia estágio em enfermagem quando a tuberculose o surpreendeu, bloqueando seus estudos. Aconselhado pela família e pelos médicos, Mário internou-se em uma clínica especializada em Campos do Jordão, onde, por sorte, acabou por conhecer uma paciente de nome Cayra, que lá também se tratava, e que tempos depois seria sua devotada esposa.

Nos primeiros anos da década de quarenta, Mário e a esposa vieram morar em Miguel Pereira, uma estância famosa pelo clima então decantado como excelente para doenças pulmonares. Incentivado pelo Dr. Arthur da Serra Wangler, o casal fixou residência na cidade e Mário, para sustentar a família que começara a aumentar com o nascimento dos filhos, passou a administrar aulas particulares em uma sala de sua hu-

Jornal Regional

Estado Biográfico 11

Professor MÁRIO LOPES RÊGO



milde casa.

Sua fama de educador logo se espalhou para parcerias locais. Em 1946, foi contratado por Comêlo, Fernandes Neto - que fora seu professor no Rio de Janeiro e à época presidia o cargo de prefeito em Vassouras - Mário seguiu para Nova Friburgo, onde completou um Curso de Especialização em História e Geografia. Assim, se a meditação parava um médico, a educação em Miguel Pereira ganhava um professor insubstituível que, nos anos seguintes, muito faria pelos jovens da cidade.

Retornando de Friburgo, Mário passou a trabalhar no bojo do Instituto Brasileiro de Física do Alferes, no lado de outras personalidades do magistério da época, como George Jacob Abdou, Darcy Jacob de Mattos, Ismael Haroldo de Armando, capitão Zenóbio de Costa, Alcebades Laudelino Balthar e outros mais. Graças às suas altas qualidades de educador e à notável capacidade de disciplinar de que era dotado, em poucos meses aquele professor de féla segura, energia inesgotável e personalidade marcante impôs um rígido, responsável e competente estilo de ensino naquele colégio famoso.

Apesar do temor que por vezes impunha aos alunos, Mário era um homem cordal, compreensivo, sensível e

honesto em seus propósitos, cuja paixão pela que fazia não lhe permitia jamais negar uma aula extra para os mais necessitados, um gesto benevolente para os falhosos ou uma palavra de encorajamento para os professores mais jovens e inexperientes que o procuravam em busca de conselhos profissionais. Em sala, repertia à exaustão um capítulo não assimilado pelos alunos, corrigia seus detalhes de fala e ortografia, e todos motivava o valor da cultura geral e, fora das horas das normas de aula, círculos, debates, debates e discussões orientar e fomentar o patriotismo e persuadir o caráter de um ou outro discípulo mais rentente ou problemático.

Dominado com perfeição e minuciosidade, era exigente nas avaliações e imparcial em suas notas. Preocupado com a formação da juventude de Miguel Pereira - que precisava sair para Paraty ou Paraíba para concluir o artigo cur-

riculário - logo incorporou-se a um grupo de amigos e professores obtendo fundar um ginásio em Miguel Pereira, sonho concretizado em 1957 com a implantação de um Curso de Admissão, oriundo do Ginásio Miguel Couto, hoje Colégio Genesista Professor Miguel Pereira. Aliando-se ao professor Conselho Epure se mudou para Paraty do Alferes, implantou também no colégio um Curso de 2º Grau - o Colégio Central Miguel Pereira - dirigido por aquele amigo e ex-mestre.

Nos anos seguintes, Mário iniciou uma campanha visando a construção de prédio próprio da Campanha Nacional de Educação da Comunidade (CNEC), mantenedora do Gi-

násio e do Curso Comercial. Mobilizando outras importantes figuras da cidade, conseguiu angustiar professores, pais, alunos, empresários, simpatizantes e autoridades municipais em torno de seu projeto, desobediecendo na cidade um movimento insubstituível, cujo resultado foi o aparecimento do Instituto e moderno prédio da CNEC, cuja direção, ainda, estava em suas mãos por vários e produtivos anos.

Pai extremado e respeitável, Mário deixou um Miguel Pereira que, no decorrer da vida, viu decoreta, Manoel Sérgio, Sílvio Moraes, Luiz Arthur e Sandra. Ois quatro. Sílvio seguiu seus passos e também abraçou o magistério, tendo lecionado na CNEC, por vários anos, as mesmas matérias do velho e quando mestre Mário Lopes Rêgo.

Depois de mais de trinta anos de intensa dedicação ao ensino em nossa terra, o professor Mário passou a lutar contra as complicações provocadas por um diabetes rentente, tendo falecido em consequência desta moléstia no dia 17 de novembro de 1987 em Miguel Pereira, coincidentemente no dia de aniversário de seu pai, o Comandante Lopes Rêgo.

Fonte: DEISTER, Sebastião. Estudo biográfico 11 professor Mário Lopes Rêgo. **Jornal Regional**, Miguel Pereira, n. 61, p. 10, 27 nov. 2015.

ANEXO 7 - Prestação de bons serviços emitido
pelo Governador do Estado da Guanabara Chagas
Freitas em 1974.



Fonte: Acervo Familiar.

ANEXO 8 - Diploma cidadão miguelense pelos relevantes serviços prestados em 25 de outubro de 1985.



Fonte: Acervo Familiar.

ANEXO 9 - Documento de aposentadoria do professor Mário.



Fonte: Acervo Familiar.

ANEXO 10 - Certidão de Óbito do Prof. Mário

Table Nº 00-00-00 Pág. Nº 00-00-00

PODER JUDICIÁRIO -
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
(SEDE) REGISTRO CIVIL (1ª dist.)

CIRCUNSCRIÇÃO - ZONA - Freguesia de

ÓBITO Nº - 2323 -

Oficial de Registro Civil das Pessoas Naturais da 1ª dist. do Mun. de
Miguel Pereira Estado do Rio de Janeiro.

CERTIFICA que, às fls. 268 do livro nº 7-C do Registro de Óbitos
feito hoje o assentamento de * **MARIO VASCONCELLOS LOPES REGO** *, --

Óbito ocor. 17 de novembro de 1988 às 01 horas e 00 minutos, na
casa nº 16, Casa de Saúde e Maternidade Sta Teresinha, n/cidade, --
do sexo masculino de cor X-X-X profissão aposentado*
-- natural de Alagoas*
domiciliado à Rua Cate Lopes Rego, 62, nesta cidade, --
e residente idem. --
com 77 anos de idade, estado civil viúvo* ** filho (s) de
Arthur Lopes Rego*
e de **Lucile Vasconcellos Lopes Rego**, falecidos*
Foi declarado **Adail Francisco** legal, R. Maria José, 18, n/cidade, --
sendo o atestado de óbito firmado pelo Dr. **Cezar Francisco Ferreira Gomes***
o qual deu como causa da morte * acidente vascular cerebral e diabetes meli-
tus * --

O sepultamento será feito no cemitério de
Pati do Alfeite, 2ª dist. de Vassouras-
RS. --

Observações

GUIA DE SEPULTAMENTO

O atestado é verídico e deu fé.
Miguel Pereira, Estado do Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1988.

Oficial de Registro Civil das Pessoas Naturais

Miguel Pereira

Responsável

Miguel Pereira

Miguel Pereira

Fonte: Acervo familiar.

ANEXO 11 - Documento comprobatório de atuação na CNEC Miguel Pereira p. 1/2.



NOME DO EMPREGADO: Maria Vasconcelos de Aguiar Paes

Filiação: Pai: Antônio de Aguiar Paes
Mãe: Luiz de Vasconcelos de Aguiar Paes

Categoria: Profissional N.º: 8495 Série: 207

Reservista N.º: 8495 **Servidora N.º:** _____

Cursos: _____

Substituto a sua presença: _____ **Mês N.º:** _____

Habilitação profissional, diploma ou curso: superior irregular **titulação:** superior

Estado civil: casada **Nome cônjuge:** Antônio de Aguiar Paes

Data do nascimento: 8.1.9.10 **Idade:** 60 **anos** **Nacionalidade:** brasileira

Lugar de nascimento: Mpocicé - Minas **Residência:** Rua Comandante
Aguiar Paes, 64 - Miguel Pereira - RJ **Data de admissão:** 1º / 3 / 1959

Quando em serviço: Data de ingresso no Brasil: _____ / _____ / 19____ **É naturalizado?** _____

É casado com brasileira? _____ **Tem filhos brasileiros?** _____

Categoria e espécie: professora **Salário NCS:** 4,00 **em:** outro

Horário de trabalho: 19 de 20 horas, com intervalo de 30 horas para refeição e descanso.

Por ausência de: _____ horas, com total de 20 horas semanais, forma de pagamento: quase

Nome dos beneficiários: _____ aguiar

FUNDO DE GARANTIA DO TEMPO DE SERVIÇO

Data de Criação: _____ de _____ de 19____

Estado Disponível: _____

Data de Fim: _____ de _____ de 19____

Data: _____ / _____ / 19____

Fonte: CNEC Miguel Pereira.

Documento comprobatório verso p. 2/2.

Acidentes no Trabalho ou Doença Profissional

FERIAS

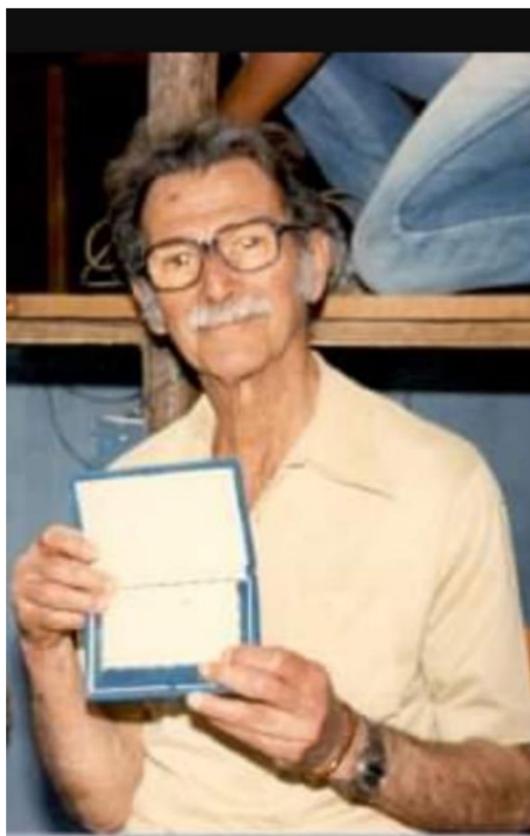
Relativos ao período de:		Gosados no período de:	
1º de março a	10/12/69	11/12/69 a	22/2/70
1º de março a	10/12/70	11/12/70 a	22/2/71

Alterações de Salários			Licenças, Afastamentos e Benefícios da Previdência	
Ano	Mês	Importância NC-8		
1969	12/março	300		
1970	12/março	400		
1971	12/março	500		
1972	12/março	600		
1973	12/março	700		
1974	12/março	800		
1975	12/março	900		
1976	12/março	1000		
1977	12/março	1100		
1978	12/março	1200		
1979	12/março	1300		
1980	12/março	1400		

Contribuições Sindicais		OBSERVAÇÕES	
Ano	Mês de Pagamento		
1969	FITEE		Contribuição ao PIS sob o nº 103302
1970	FITEE		

Fonte: CNEC Miguel Pereira.

ANEXO 12 - Foto do Prof. Mário Vasconcellos
Lopes Rêgo



Fonte: Acervo Familiar.

ANEXO 13 - Família do Prof. Mário Vasconcellos
Lopes Rêgo.



Fonte: Acervo Familiar.

*1: pesquisadora e neta Fernanda Lopes Rêgo Soares (no colo);

*2: professor Mário Vasconcellos Lopes Rêgo (1º a esquerda).

Sobre a Autora

Fernanda Lopes Rêgo Soares

Graduada em Pedagogia pela Universidade de Vassouras. Foi bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da FUSVE/Universidade de Vassouras. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, e, atua principalmente nos seguintes temas: Educação, Biografia e História.



UNIVERSIDADE DE
VASSOURAS

Pró-Reitoria de Integração, Ciências Humanas,
Sociais Aplicadas e Relações Externas -
PROINT

Pró-Reitoria de Pesquisa e
Pós-Graduação -
PRPPG

Curso de Pedagogia
Núcleo de Integração, Empreendedorismo Sociocultural e de Negócios
Laboratório de Pesquisa em História, Memória e Educação